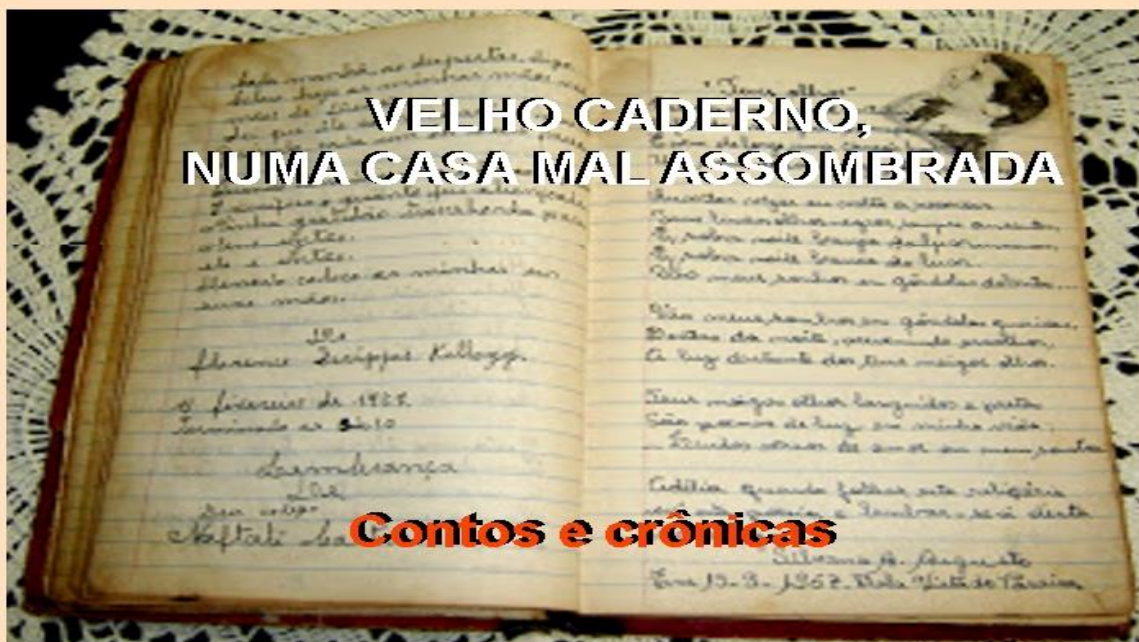


SÉRGIO SOUZA

VELHO CADERNO, NUMA CASA MAL ASSOMBRADA



Contos e crônicas



VELHO CADERNO, NUMA CASA MAL ASSOMBADA

Sérgio Souza

©Copyright – 2023

Ibirité – MG

Editoração:



1ª edição

Índice:

Prefácio.....	05
A casa das sete portas.....	07
Revelações.....	11
O grande amor de Samira.....	13
Zás-Trás, um ladrão honrado.....	17
Futebol de espíritos.....	20
A velha que escutava demais.....	23
O homem engessado.	26
A mulher que cismou que era Nossa Senhora.....	33
O enterro do Mané.....	36
O homem que discursava para as galinhas.....	41
As linhas sinuosas de uma vida.....	44
O moço que namorava com uma palmeira.....	48
O maluco que comandou a polícia.....	51
Dormindo com a inimiga.....	55
Eu vou pra roça com a muié e fio.....	58
Dá-me um prato de comida.....	61
A sublime arte de ser generoso.....	64
Num beco estranho, lá na Bahia.....	67
A metáfora do lado azul.....	70
O pintinho e o gavião.....	73
Memórias póstumas de um vira-lata.....	76

Um asilo maluco.....	79
O vendedor de mangas.....	82
São Jorge ou Napoleão?	85
Um jeito gostoso de tirar a carteira de habilitação....	88
Johny, o amigo do urubu.....	92
Um grandioso favor, uma caridade.....	95
Bate, bate, coração devagarinho.....	109
Dez minutos de amor.....	112
Epílogo.....	122

Prefácio:

O construtor das palavras

Trabalhar com as palavras. Este tem sido o ofício de Sérgio Souza ao longo das últimas décadas. E palavras, sejam quais forem, envolvem sempre sentimentos, paixões, gozos, desilusões e toda gama de ocorrências e desígnios.

Contudo, sempre é preciso dar-lhes direção, potência, significados específicos e muitas pitadas de intensões. Para isso, o nosso cronista precisa antes, criar todo um cenário para cada uma de suas obras escritas. São convenções, padrões, sistemas, mundos e situações às quais os seus personagens são submetidos. São testados, praticamente lixados, em busca do individual progresso, seja mundano ou do campo espiritual. Seja como for, tudo parece seguir ao curso da evolução.

Em suas entrelinhas sempre há algo a se colher ou para ser identificado, para assim, se alimentar a alma. Sérgio Souza mostra com perspicácia em seus escritos toda uma natureza humana bruta, desnuda e, em muitas das vezes, transparecendo as verdadeiras tendências e providências ditadas pelo acaso (ou não) ao destino dos seus viventes.

Otimista de caneta na mão, Souza segue com a cabeça a prumo entre tantos problemas desordenados apresentados entre o rio da vida real e o da ficção. Delineando estas águas corrediças está o pensamento do autor, cujo intelecto, por vezes, paira sobre as conturbadas situações submetidas aos seus tão distintos personagens.

Afinal, quem escreve é uma espécie de deus da dimensão que cria, busca como tal, em seu âmago, antes de tudo,

transpirar o desenrolar justo ou injusto das situações. Desta maneira então, mostrando que nem sempre poderá haver uma luz no fim do túnel para todos.

Aqui estão reunidas algumas crônicas inéditas mescladas a outras já publicadas pelo autor nesses últimos anos pelo jornal digital [Via Fanzine](#), do qual é colaborador desde sua fundação, ainda como jornal impresso, no ano de 1994, em Itaúna-MG. Atualmente, Sérgio Souza mantém em [Via Fanzine](#) sua coluna semanal de crônicas, encantando aos nossos leitores e deixando sempre suas mais autênticas “pegadas digitais”, onde a palavra faz o papel do tijolo numa grande construção.

Este humilde livro é mostra do talento, da criatividade e desenvoltura desse autor nos últimos anos. E quem recebe o bônus de sua constante atividade literária são seus leitores.

Tenha uma boa leitura.

Pepe Chaves

Editor

www.viafanzine.jor.br

A CASA DAS SETE PORTAS

A casa era bastante espaçosa. Diferente das habitações usuais, era redonda. Tinha realmente sete portas.

Vivia ali uma família de sete pessoas. Sete? Oito? Dezesete? Setenta?... Nem dava para contar. Na verdade, eram sete integrantes: o senhor Ricardo, esposa e filhos... Mas a residência vivia lotada: outros familiares, vizinhos, amigos...

As portas viviam abertas a quem quisesse entrar – inclusive mendigos, que tomavam seus lugares à mesa e almoçavam com aquela gente. Aliás, naquela comunidade, vivia-se como irmãos. Era bastante comum encontrar as portas abertas, também de outras moradas. E os familiares de Ricardo podiam entrar em qualquer uma delas, sem a mínima cerimônia.

Na casa das sete portas, entravam também gatos, cachorros – e todos eram muito bem tratados. Divertidíssimo foi o dia, quando entrou um cabrito. Ah, a turma se divertiu demais com ele. A garotada brincava até de toureá-lo. A Helen, mãe das crianças, foi até chamar os vizinhos mais próximos para ver. Apareceu um bode bem barbudo, amigo do cabrito. Num instantinho, a casa estava cheia de novas crianças para brincarem com os animais. Terminou, um adolescente abraçando-se com o cabrito e o bode e levando-os para morar com ele.

II

Como tudo na vida, de vez em quando, as coisas tomam uma nova direção. O Ricardo, por ordem do banco em que trabalhava, foi transferido para outro estado, a fim de ocupar, numa nova agência, o cargo de gerente.

E a casa das sete portas? Os novos moradores foram a Dona Matilde, sua filha e seu neto. Gente rica, por sinal. Já no outro dia, uma criança daquela comunidade, devido ao hábito ali vigente, entrou pela casa adentro, para conhecer a nova família e ver se encontrava ali meninos com quem pudesse brincar. A austera mulher pegou o garoto pela orelha e foi conduzindo-o até a saída, batendo a porta na cara dele e esbravejando: “Esses pivetes querem é roubar.” Dona Matilde contratou um pedreiro. Mandou que colocasse uma parede no lugar daquela porta.

Dois dias depois, uma irmã de Dona Matilde chama lá fora. Morava a uns trezentos quilômetros dali, e fazia mais de três anos que as duas não se viam. Dona Matilde fingiu que não viu. Cochichou no ouvido de cada um, pedindo que não atendessem. “Aposto que ela está vindo aqui é para pedir dinheiro.” Ninguém atendeu, a visita foi embora. “Depressa! Chamem o pedreiro! Vou mandar que ele elimine também aquela entrada.” Julgou mal. A irmã vinha trazendo era um presente para ela.

Uma vizinha foi pedir à Dona Matilde uma muda de rosa. “Absurdo! Estes vizinhos não têm limite” – foi o que respondeu a austera mulher. Mandou fechar mais uma porta.

Aparecem alguns voluntários, pedindo, naquela residência, alguma roupa usada ou alimento para os pobres. Dona Matilde escarneceu: “Esses vagabundos precisam é de trabalhar; fazer igual eu. Se eu consegui alguma coisa na vida, foi trabalhando.” (Fechou a porta na cara deles.) Veio o pedreiro e proibiu mais uma entrada.

Alguém chama uma meia hora depois. Dona Matilde nem pensa duas vezes. Quase quebra a porta na cara daquela pessoa. Imaginou que fossem outros voluntários daquela

turma. Enganou-se. Era um funcionário da Saúde Pública, querendo saber se estava tudo bem com ela. Encerra-se a quinta porta.

Hoje, Dona Matilde dá um brigão com a filha e o neto. Expulsa-os de casa. Traz novamente o pedreiro e obstrui-se o sexto acesso.

III

Restava a última porta. Dona Matilde cantarolava lá dentro, julgando-se a mulher mais feliz desta vida. Reinava ali soberana, sem interferência de ninguém.

Um dia, ela saiu para fazer compras. Quando voltou, tentou de todo modo e não conseguiu abrir a porta que restava. Dona Matilde precisou de outras pessoas para ajudá-la. Diferente do que acontecia com o Ricardo e familiares, não encontrou uma pessoa disposta a prestar-lhe o favor. Maldição? Dizem até que foi. Aquela porta nunca mais se abriu.

IV


Conta-se que aquela casa, bonita como um palácio, ficou abandonada. Ninguém tinha mais coragem de tentar abrir a sua porta para ali entrar e morar. Pais proibiam filhos de passarem em frente. Era voz geral, que ela havia ficado mal-assombrada. Fazia-se o nome do Pai ao passar por ela.

Quem tinha mesmo coragem de dela se aproximar eram os feiticeiros, os quais acendiam velas. Todavia, até mesmo eles conservavam alguma distância daquela remanescente porta.


Quanto à Dona Matilde, conta-se que ela teve um triste destino: passou o resto de sua vida mendigando e dependendo de favores da população. Chega-se a dizer que ela usava disfarces em seu rosto, temendo ser reconhecida por aqueles a quem ela fechara as suas portas.

REVELAÇÕES

Tenho que revelar-lhe um **SEGREDO**. Sabe essa “casa das sete portas”, abandonada e dita mal-assombrada? Passei a ter um fascínio por ela. Tinha ânsias de penetrar no seu âmago.

 E eu havia lido um livro escocês (presumivelmente do século XIII), o qual ensinava palavras mágicas para abrir qualquer porta. Se você ler este meu livro até o fim, você as aprenderá.

Decidi-me. Saí de casa às três horas da madrugada. Rua quieta. Cidade dormindo...

Com incontida emoção, aproximei-me daquela casa. Proferi aquele mantra, e que surpresa! A porta realmente se abriu. Uma orquestra, magnífica e invisível, executava o concerto nº 1 de Tchaikovsky.  Senti-me um rei, adentrando aquele palácio.

Uma escada com tapete vermelho conduzia ao segundo andar. Subi. Vi que, mais acima ainda, havia

um sótão. Com um misto de medo, curiosidade e encanto, fui desvendar o seu *MISTÉRIO*.

Sobre uma mesinha rústica, achava-se um velho caderno. Sentei-me. Abri-o e vi que se tratava de interessantes histórias, escritas pela família do Sr. Ricardo, aquele que residira ali. A cada dia, um familiar registrava, naquele caderno, um conto, variando conforme o seu estado de espírito: *amor, humor, drama*, ou até mesmo uma *tragédia*. Assegurava-se que todos eram reais. Eu fiquei em dúvida quanto a dois deles.

Bem, eu, que prometera a mim mesmo que nada tiraria daquela casa, não resisti à tentação: esse caderno, confesso que roubei. E as histórias nele contidas, vou revelar, uma a uma, a você. 😊❤️

O GRANDE AMOR DE SAMIRA

Samira residia num sítio em Itaguaí, município do Rio de Janeiro. Vivia em companhia de seus pais, o Senhor Moisés e a Dona Iolanda, e de Leila, sua irmã. Não eram ricos, mas levavam uma vida confortável.

Num sábado, Samira foi ao casamento de uma amiga no Rio. Lá, conheceu um elegante cavalheiro, bastante contido no falar e até mesmo no sorrir. Bastaram alguns mútuos e fulminantes olhares para que Samira se apaixonasse por ele. Saíram conversando e, enfim, deu namoro. No segundo encontro, num almoço em família, é que se descobriu: tratava-se de Ethien dos Santos Herrera, médico, fazendo mestrado em Barcelona. Frases mais ouvidas na casa: “Esse homem caiu foi do Céu!” “Esse, a Samira tem que segurar.” Dona Iolanda ponderava: “Mas ele também vai casar bem. A Samira é muito bonita e uma moça muito boa. É... Pena que ele vai querer levá-la pra bem longe de nós! ...”

E o namoro prosseguia – mais por mensagens, já que ele vinha pouco ao Brasil. Samira tinha muita vontade de se casar, ter filhos. Às vezes, no entanto, reclamava do jeito rude desse seu namorado. Chegava a exigir que ela o tratasse por Doutor. Um dia, por exemplo, estavam no oitavo andar de um edifício. Iam descer. O elevador chegou. Já estava bastante cheio. Tinha vaga só para mais uma pessoa. O Doutor simplesmente entrou, deixando Samira para trás.

Todavia, sua mãe o desculpava: “Minha filha, escute a sua mãe! Ele é de família europeia. Dá mesmo uma diferença de culturas.”

Samira cai em depressão. Ninguém explicava o motivo.

Uma tarde, enquanto a bela senhorita tomava banho, chegou uma mensagem ao seu celular. A mãe leu e mostrou alegriíssima para Leila. Era o Doutor Ethien, já falando em casamento. ("Mas... é segredo, tá Leila?") A Samira, logo que saiu do banho, recebeu um telefonema. Era ele, reforçando aquele assunto. A moça ficou deslumbrada. Ela, que era cética quanto ao amor dele, agora se sentiu amada. Acabou a depressão. Fez mil castelos: "Eu, que vivo aqui, num pedacinho tão limitado, vou passar a morar em Barcelona e a viajar por todo o mundo... Minhas colegas vão morrer de inveja."

Dali a quatro dias, nova mensagem, esta, de abalar os corações: "Querida Samira, aproveitando que já estou me formando no meu mestrado, viajarei semana que vem ao Brasil. Guarde todas as suas emoções para esse dia. Prepare-se para uma incrível surpresa! Beijinhos, Doutor Ethien."

A moça quase desmaiou. Qual seria esta surpresa? A maioria previu que ele deveria trazer as alianças e marcar bem rapidinho o casamento. Outros pensaram que ele iria "raptá-la" e já levá-la para a Espanha.

No outro dia, chega esta outra mensagem: "Devo chegar ao Rio, no próximo sábado, na parte da tarde. Ali pelas 18 h, já estarei me encontrando com você. Você já disse que eu sou um homem sem fantasia. Vou provar-lhe o contrário."

Não sei se, devido ao choque, Dona Iolanda se torna enferma. Ela rezava e pedia: "Ó Deus, não me leve agora. Deixe-me pelo menos ver o casamento da minha filha." Moisés avaliava: "Mas o Doutor Ethien vem aqui amanhã. Melhor médico do que ele, eu duvido que possa existir."

Sábado, 18 horas. Casa cheia. Casa em festa, para esperar aquela celebridade. (E a mãe de Samira, ainda de cama.)

Leila, tomada de curiosidade, pergunta: "E como será que ele vai chegar?" (*Vizinha*) "Ah, acho que num carro de som." Uma adolescente contesta: "Carro já tá muito batido. Aposto que ele vem é numa carruagem, puxada por dois cavalos brancos. Aí ele leva a Samira para um passeio, e quem sabe até para uma igreja, para já se casarem?" Êxtase geral!

Sábado, 18... 18:30... 19... 19:30... 20 horas... E nada de Doutor Ethien. O que teria acontecido?

21:15. Ah, até que enfim!!! Todos aplaudiram! Lá vem ele, de terno e sapato branco, chapéu de sambista, usando uma máscara carnavalesca, tocando cuíca e puxando uma escola de samba. "Ah, bem que ele falou que iria fazer uma surpresa." "Surpresa mesmo! Bem diferente do jeito dele de ser." Todos da casa fizeram sinal para que eles entrassem. Entraram, comeram, beberam à vontade. Sabendo da enfermidade da Dona Iolanda, aquele mascarado folião vai até o seu quarto, toca cuíca, canta, dança para ela. A mulher pula da cama e vai dançar com ele. Sarou imediatamente!

De repente, o simpático carnavalesco vai até Samira. Ela o recebe com um caloroso abraço. Depois, todos veem quando rola um beijo apaixonado. Vibração total! Em seguida, ela improvisa uma fantasia e cai também no samba.

Voava, de tanta liberdade. Foi seguindo com aquela escola, até sumir de vista... Nesse instante, a mãe recebe um telefonema: "Desculpem, perdi o avião. Chegarei, sem falta, amanhã."

Tarde demais. Todo o coração de Samira já estava entregue àquele folião, o Zé da Cuíca, como era conhecido lá no morro. Bem melhor que aguentar, por uma vida inteira, aquele frio, arrogante e protocolar cavalheiro, a quem ela deveria até tratar por doutor.

ZÁS-TRÁS, UM LADRÃO HONRADO

Profissão? Ladrão. Atividade que mais exerce no momento? Vigilante da casa de um banqueiro.

Não sei se ele se chamava Alexandrino, ou Fernandino, ou Baltazar. Cada um falava uma coisa. Gente do crime costuma mesmo cada hora ter um nome. O fato é que todos o conheciam por Zás-Trás (apelido inspirado na sua habilidade e rapidez em surrupiar).

Diferente do que se pudesse imaginar, o Zás-Trás era um homem educado, respeitador. Andava com um paletozinho meio surrado, porém, era um traje decente. Quem o visse pela primeira vez, notava nele o mais honrado dos cavalheiros. Uma astúcia, uma tática, via de regra, ele escondia. Fazia parte de algum plano. As pessoas sabiam que ele roubava, a polícia também. Entretanto, ninguém punha a mão nele. Ele sempre apresentava argumentos simples e eficazes para se safar – e safava-se.

O Zás-Trás roubava por necessidade; outras vezes, por diversão. Ele variava de vítima, de *modus operandi*, de hora, de lugar, sempre curtindo aquela adrenalina proporcionada pela aventura.

Um dia, encontra-se o larápio em um bar, quando chega o Miguelão, um fazendeiro casca grossa, acostumado a pegar touro a unha. Ainda que exercesse atividade rural, ele passava a maior parte de seu tempo em sua confortável residência na cidade. Tinha empregado pra tudo. Logo que viu o Zás-Trás, o estranhou. Começou a dirigir insultos contra ele, chegando até a desafiá-lo pra briga. Rosnou, que nem um cão: “eu gosto de resorvê as coisa cum ladrão é na bala, mas eu num sei se eu tô falano é cum home ou cum

lobisome". Mas calma! Eu não disse que o Zás-Trás era um ladrão educado? Este resolveia tudo era na paz, na boa conversa. Ele apenas reagiu com estas palavras:

- Fica na tua, que eu fico na minha. Num tô te prejudicando em nada.

E o Miguelão:

- Ah! E nem pensa em me prejudicar. Cê roba é de otário, de gente fraca, de gente pobre. Quero vê ocê robá é de mim.

- Mas eu num tô desafiando o senhor não.

- Pois eu tô te desafiando. Se ocê fô bão memo no que faiz, quero vê ocê assartá é minha casa. Se ocê conseguiu intrá lá, cê pode levá o que ocê quisé, que eu num chamo a pulícia não. (*Batendo no peito*) Palavra de home! Vai intão! Ixperimenta! Se ocê fô, cê num sai de lá vivo não, tá, seu corno? (E eu tenho dinheiro pra pagá um bão advogado.)

O Zás-Trás ficou caladinho. Deu a impressão de ter ficado com medo. Deixou passar alguns dias... e zás! É hoje. (E o que será amanhã?)

No outro dia, o fazendeiro acordou todo assombrado. Já não sabia se estava acordado, ou se ainda estava sonhando. Seu corpo doía por todos os lados. Aí é que ele descobriu que estava deitado no 'pau da cama', apenas na armação. "Cadê meu colchão!?!..."

Foi encontrá-lo encostado na parede, do lado de fora da casa. "Esse Zás-Trás, hein!? Acho que ele tem parte com o capeta", concluiu.

Conferiu toda a casa, nada havia sido levado.

A notícia correu, quando, naquele mesmo bar, indagado e em presença da vítima, o hábil assaltante explicou que conseguira entrar na casa do desafiador. Encontrou-o dormindo, roncando. Aplicou em sua boca algumas gotinhas de uma espécie de 'Boa noite, Cinderela'. O homem apagou de vez. O Zás-Trás tomou-o em seus braços, colocou-o no chão; tirou o colchão, levando este para fora. Depois, calmamente, voltou, pegou o valentão, colocando-o de novo na cama. Simples, não é? Simples, para quem é um *expert* na profissão.

Gargalhando, o Miguelão quis até homenagear o Zás-Trás, entregando-lhe um copo de cerveja. O doce cavalheiro agradeceu, mas recusou, alegando que sua glicose andava meio alta. (Astúcia pura. Suspeitou de que a cerveja pudesse estar envenenada.)

FUTEBOL DE ESPÍRITOS

Juca da Dona Mulata, Juca da tipografia, Juca da barbearia, Juca da carpintaria, Juca técnico de futebol... E mais um punhado de coisas que o Juca já tinha feito na vida. Era um homem curioso. Tinha uma enorme ânsia por aprender, descobrir, viajar pelos mistérios. Trabalhava demais.

Uma noite, ele estava em sua carpintaria, quando ouviu vozes, as quais ele não sabia de onde vinham. Parecia que alguém (invisível) pretendia falar com ele. Desta vez, ele não contou nada a ninguém. Nas duas noites seguintes, ele não ouviu nada. Na terceira, porém, ressurgiram essas vozes, parecendo estarem mais próximas. Ele se descontrolou um pouco. Fez uma oração; as vozes silenciaram-se; ele fechou a carpintaria e foi narrar os fatos à esposa. O que ela lhe disse foi que isso era sinal de cansaço, esgotamento; que ele precisava era de repouso. "Vai deitar então."

Houve uma noite, quando Juca viu um espírito. Chegou a falar com ele.

Que fez Juca no outro dia? Caladinho, foi procurar um Centro Espírita que ficava a uns trinta quilômetros dali, para que lhes dessem explicações. O principal esclarecimento que eles lhe ofereceram foi que ele era médium. E que tais espíritos sentiram que ele poderia ser um canal para as mensagens que eles teriam a passar, e que seriam bastante úteis aos ainda encarnados.

Juca frequentou tal Centro por três meses. Um dia, encontrou uma fazendola abandonada, alugou-a e lá fundou seu próprio Centro.

Segundo os frequentadores, conversar com espíritos passara a fazer parte da rotina de Juca. Por ser o local um pouco afastado, não obstante ter ele comentado com um bom número de pessoas, os frequentadores eram ainda poucos. Juca pensou realizar ali algum evento que promovesse o seu Centro. Mas o quê? Não podia ter bebida, música mundana, dança...

Foi aí que surgiu a magnífica ideia: realizar um **futebol de espíritos**. Juca imaginou que a vida no Além estivesse um tanto monótona. Conversou com diversos desses espíritos. Eles acharam a ideia fantástica! Formaram-se os dois times: o time azul e o time amarelo. (As cores, só o Juca veria.) A notícia se espalhou, causando tanto impacto, que logo a cidade só falava naquilo.

No dia, a fazenda lotou. Curiosos, fotógrafos, repórteres... Em vão. Todos os setenta e cinco ingressos já haviam sido vendidos.

O local, que serviria como campo, era uma área fechada. A iluminação era escassa. Apenas cintilavam algumas velas. Uma trave de um lado, outra do outro, a uns oito metros de distância uma da outra. A bola era um balão. O Juca seria ao mesmo tempo narrador e juiz. (Bem, faltas não deviam ter. Quem é que iria dar empurrões, caneladas...? Tudo é espírito...)

Começa o jogo. Plateia ansiosa por assistir a esse fabuloso espetáculo – único no gênero. Só que, até dez minutos de partida, ninguém havia visto nada – nem espíritos, nem bola rolando. A plateia começa a ficar revoltada. O Juca explica: "Gente, com espírito é assim mesmo. Eles são lentos. Alguns ainda estão no vestiário; outros ainda estão calçando as chuteiras."

Bem, agora o balão se mexeu. (Emoção geral!) Ia para um canto, para outro, até entrar no gol. Ninguém enxergava espíritos. Imaginava-os, pela narração, que era bastante enfática. Gol!!! Um golaço do time amarelo! E tinha torcida. Mal os torcedores comemoraram, o time azul foi lá, empatou e virou. Tinha gente roendo as unhas.

O jogo acabou: o balão estourou aos catorze minutos. 8 x 4 pro time azul. Alguns torcedores do Amarelo falaram que iam pegar o juiz; que ele havia roubado. Para não apanhar, o Juca teve de desaparecer.

Alguém acendeu a luz do recinto. Descobriram tudo: o Juca manejava dois ventiladores, ligando-os e desligando, para mover ou parar o balão. O atraso no início foi devido a mau contato. O Juca ficou uns dias sem reaparecer.

Depois de brigarem muito, de xingarem à vontade, acabaram entendendo que aquele bom velhinho estava mesmo com a cabeça bastante cansada. E ninguém foi atrás dele reclamar o dinheiro do ingresso. O evento era beneficente, e todos tinham a certeza de que o Juca repassaria o valor aos mais necessitados. Prova disto eram as tantas obras sociais, que ele sempre realizava, tirando dinheiro do próprio bolso. Todos então perdoaram.

O Centro acabou. Todavia, uma frase, atribuída ao Chico Xavier, colocada nitidamente na entrada do recinto, permaneceu viva na memória de todos:

“O bem que a gente faz é nosso advogado mais na frente.”

A VELHA QUE ESCUTAVA DEMAIS

A idade vai avançando, algumas macacoas vão aparecendo. Consolemo-nos, no entanto, com essa frase do filósofo Affonso Lima: "Na vida, tudo se compensa. Não precisamos nos preocupar com eventuais perdas, porque, simultaneamente, estaremos ganhando alguma coisa." Ponderei: verdade. Até mesmo as células estão sempre se renovando. E, aliás, do próprio prejuízo se pode tirar algum lucro; ou pode até surgir daí um fabuloso sucesso.

Vejamos o caso da Dona Genoveva. Paulatinamente, foi perdendo a audição. As pessoas tinham de ficar repetindo, gesticulando, tentando fazê-la entender. Alguns perdiam a paciência e gritavam. Outros debochavam. Comparavam-na com "A Velha", d'A Praça é Nossa. Era um martírio para aquela mulher.

Até que um dia, Darlene, a mais dedicada filha, viu o anúncio de um aparelho auditivo. Entrou em contato com o vendedor. Apareceu na casa delas um profissional sumamente educado. Avaliou a capacidade auditiva da paciente, concluindo que, com aquele aparelho (bem caro, por sinal), ela não teria mais dificuldades em ouvir. Detalhe: o dispositivo continha uma graduação, de 1 a 7, ajustável de acordo com a necessidade do paciente. Para a Dona Genoveva, não precisou mais que grau 3. Colocou nela o aparelho e exclamou: "Perfeito! Agora é só comemorar." Realmente. A filha iniciou uma conversa a meia voz, e a mãe não apresentou dificuldade alguma para compreender. Dona Genoveva custava a caber em si, tamanha a emoção.

À noite, a curiosa fechou-se no quarto e começou a mexer, dos mais variados modos, no aparelho, até conseguir o que queria: ajustá-lo no volume máximo: 7. Imediatamente,

como por mágica, passou a ouvir e entender, nitidamente, as conversas dos vizinhos, até o final do quarteirão. E quanto ela ria! Escutava dramas de uns, falcatruas de outros, a saber: planos de traições, de extorsões... Aquilo para ela se transformou em festa. Nem queria mais dormir. Só divertir.

Na manhã seguinte, a Darlene pergunta:

- E aí, mãe, está ouvindo direitinho?

- Demais. Estou escutando até as conversas dos vizinhos.

A filha riu demais. Pensou que era brincadeira. Contudo, isto era o mínimo. A velha estava escutando até o que se falava numa fábrica a uns trezentos metros dali. Quando a mãe ia atravessar a linha de estrada de ferro, ela parava para esperar o trem passar. As pessoas riam dela. Ninguém via trem. Achavam que ela estava ficando biruta. Dali a pouco, o trem de fato vinha. Ela ouvia o barulho a quilômetros, e pensava estar mais próximo. De início, a filha quis reclamar com o vendedor, porém, sentiu que ali nascia um gênio: o gênio da audição. Bolaram um plano para tirar proveito da situação. Só mãe e filha detinham o segredo. Habilmente, a Dona Genoveva conseguia esconder esse mágico aparelho debaixo dos caracóis dos seus cabelos.

A velha atuou como detetive, principalmente de traições conjugais; aparecia no rádio, na TV; exibia-se em circos... Era apresentada como "A Madame-Prodígio". Em breve, foi ficando milionária.

Só que a empolgação passou do limite, e o narcisismo subiu pela cabeça. Repórteres, dos mais variados cantos, vieram cobrir a mais prodigiosa exibição: a Madame garantia que escutava conversas até do Japão. Chegou a hora. Errava

tudo, coitada. Tentava enrolar, falando um japonês, que nem brasileiros nem nipônicos entendiam. E todos caíam nas gargalhadas. “Ficou doida.” É o que todos concluíram.

Chegou, quase sem forças, ao consultório de um psicanalista. Após ouvir cuidadosamente mãe e filha, analisou: “A dinâmica da paciente é que ela padeceu. A sociedade, em vez de ajudar, criticou, debochou. Isso determinou uma baixa em sua autoestima. Ela guardava dentro de si uma revolta. Se o aparelho continuasse no grau 3, ela ouviria normalmente. Contudo, ela pretendia ir além: ouvir mais; superar os seus críticos; provar que era melhor. Um caso clássico de mecanismo de defesa, ou mecanismo de compensação. Ela será curada.”

A madame não quis mais o aparelho. Todavia, a parentada sim. Já estão brigando para ficarem com ele de herança (no volume 7, é claro).

O HOMEM ENGESSADO

- Dá dó ver o Sr. Antônio dessa maneira!
- Ah, o que eu mais peço a Deus é que eu não fique como ele. Logo eu, que estou acostumada a ficar o tempo todo me movimentando.
- Mas, enfim, é o que ele mesmo já dizia: "Seja feita a vontade de Deus. A gente não tem controle sobre o nosso destino."
- Tem não.

(Diálogo entre duas parentas desse imóvel senhor, as quais, havia mais de dez anos, não visitavam a família. Saem e vão lá para a cozinha.)

A jornada desse infeliz, para o calvário, foi acontecendo assim: fraturou a tíbia esquerda, tendo de engessar a perna; depois, apareceu uma fraqueza no braço direito, tendo de gessá-lo também. Era evidente um caso grave de osteoporose. Quando um adicional gesso se impôs, aplicado desta feita na perna direita, aí, não houve mais jeito: foi jogado na cama. Dentro de um curto tempo, já estava o homem engessado até a cabeça, com apenas olhos e boca ainda expostos. Havia mais de dois anos que já se encontrava assim, definhando, definhando...

II

Na cozinha, Dona Alzira, esposa do homem engessado, fazendo docinhos e salgadinhos. Ontem, havia sido aniversário de quinze anos da Vilminha, e hoje é que eles iam comemorar.

Chegam os convidados, os quais vão logo comendo, bebendo, cantando, gritando, até quase meia-noite, quando então Dona Alzira fecha a casa, e sai com eles para o baile de debutantes, onde a aniversariante iria dançar a valsa, com o seu príncipe encantado.

A festa praticamente não termina nessa ocasião. É que o Adílson, irmão da Dona Alzira, residente a uns cem quilômetros dali, estava aproveitando a oportunidade para entregar à irmã e à sobrinha um convite para o casamento de sua filha, que iria realizar-se dali a vinte e um dias. Que beleza! Foi o tempo que mãe e filha tiveram para escolher o pano, contratar a melhor das costureiras e esperar ansiosas pela confecção dos vestidos. Foram dias de muita correria e de um excitante antegozar. Pensavam já em que lugar iriam se hospedar, já que não queriam causar transtornos para o Adilson. Tentavam antever como ficaria a noiva, que orquestra iria tocar... Comentava-se: "Vai ser um casamento de gala. Eles têm poder aquisitivo."

III

Muda-se o tom. Chega para a rua a Rosa Baiana, mulher animada, bem disposta, pessoa prestativa e de muita iniciativa. Foi morar a duas casas dessa família. Logo encantou o bairro com seus acarajés. Mas não era só isto. A mulher fazia mais: além de taróloga, astróloga, curandeira, era uma profunda vidente e sensitiva.

IV

Advém o majestoso momento! Dona Alzira e Vilminha viajam para assistirem ao matrimônio de gala.

V

Um dia depois, dois, Rosa Baiana começa a entreouvir, lá de sua casa, um sussurrado gemido. Vai acompanhando o som, até chegar à casa do homem engessado. Bate a campainha, chama, chama, esmurra a porta, silêncio absoluto. Em seguida, um clamor mais dolente. Decidida, ela arromba a porta da cozinha, invade aquela casa e encontra aquele ser, sozinho, agonizante. Ela rouba-o e carrega-o para a casa dela. Sentiu que ele estava abandonado, sem beber nem comer. Queriam, por certo, que ele acabasse depressa, para não constituir um fardo à família. Ela fica estarrecida. Deita-o em boa cama. Ajoelha-se, faz a sua oração e, qual num ofertório, oferece-lhe água fresca, quase gota a gota, até que ele crie forças para beber um copo inteiro. Minutos depois, qual numa comunhão, leva à sua boca um pouquinho de comida. Horas depois, já se constatava uma evidente melhora. Acompanhou-o atentamente durante mais dois dias, tratando-o com carinho, e aumentando gradativamente as porções alimentares. Ofertou-lhe leite, chás curativos, até notá-lo já conversando. Aí ela cria mais coragem: vai removendo todo aquele gesso. Uma deplorável fetidez exalava dali. Não enxergou qualquer anormalidade capaz de lhe tolher os movimentos. Só sujeira acumulada. Leva-o ao banheiro, dá-lhe um banho de água, depois um de ervas, assim como ela usava em seus rituais lá na Bahia. Brota dali um novo ser. Curado, limpo e perfumado.

O Sr. Antônio vai dar uma volta pelo quintal – coisa que havia anos já não sabia mais o que era. Tudo lhe surpreende: o céu azul, os pássaros, o aroma das plantas, o ar livre.

Rosa Baiana da mesma forma se banhou. Em seguida, convidou-o a irem a um parque para celebrarem a nova vida

que despontava dali. Foram. O liberto cavalheiro se encantava com tudo:

- Olha os pombos! Estão comendo aqui na minha mão!

Sentaram-se na grama, ouvindo o doce murmurar de uma pequena cachoeira. (Momentos de reflexão.)

VI

Depois o novo senhor, como num *flashback*, vai relembrando fatos engessáveis de sua existência:

- Na infância, eu era proibido de nadar, de jogar bola, de andar de bicicleta. Meus pais jamais confiavam em mim. Temiam que eu apanhasse das outras crianças. O perigo estava ali, no meu sedentarismo. Fiquei fraco. Cada vez mais debilitado.

- E na adolescência?

- Ah, talvez pior. Não permitiam que eu namorasse, fosse a festinhas. Eu só ia à escola, acompanhado de um dos pais. Fui-me tornando um cativo. A vida para mim não tinha sabor.

- E na idade adulta?

- Meu pai faleceu. Dali a um ano, minha mãe. Tive então de enfrentar o mundo, mas, qual pássaro que sai da gaiola e não sabe voar, não sabia o que fazer. Passei necessidades. E como!

- Antônio, você não vivera nenhum momento de glória?

- Alguns. No entanto, eles vinham refrenados, reprimidos.
- Conseguiu um trabalho?
- Sim. Por concurso, ingressei-me numa prefeitura. Sentia-me desambientado o tempo todo.
- Por quê?
- Os colegas alegavam que eu era um tipo estranho. Eles debochavam de mim. Com o tempo, foram me anulando. Num período em que eu me sentia mais desalentado e doente, como compensação, brotaram de meu interior ideias e forças para montar um fabuloso projeto, com o fim de combater a dengue, a zika e a chicungunya. Todos riram à farta de mim. Na verdade, nem chefes nem colegas deixaram o projeto deslanchar, temendo que meu brilho pudesse ofuscá-los. Isto era regra na instituição. E quem perde mais é sempre o povo.
- Namoradas.
- Tive duas. Uma era boa, um anjo, contudo, eu não sabia amar. Ela se foi. Nunca mais a reencontrei. (*Pensativo.*)
- E a outra?
- A outra é essa megera com quem me casei. Ela chamou lá em casa um ortopedista. Ele é que foi me engessando, até invalidar-me.
- E precisava tanto assim?
- Claro que não! Eles quiseram me imobilizar, porque o ortopedista e minha mulher estavam tendo caso. Depois que

me tornei inerte, eles me afrontavam, me ironizavam, abraçando-se e beijando-se à minha presença. Até mesmo a Vilminha, de apenas quinze anos, por dinheiro se entregava ao doutor. Doutor... Doutoreco, filho de uma cachorra, pra não dizer outra coisa.

- Antônio, vamos voltar lá para casa? Lá você janta.

VII

Voltaram. Só que o Sr. Antônio não quis jantar. Tomou um caprichado banho, botou um esplêndido terno, que a Rosa Baiana havia comprado para ele, colocou uma bela gravata, penteou bem os cabelos e surpreendeu:

- Rosa, é hora de partir. Ainda que eu lhe ofertasse todos os tesouros do mundo, não estaria ainda pagando nem metade do que você fez por mim.

- Antônio, mas...

- Tenho nova jornada pela frente. Breve você saberá. (*Osculando-lhe a testa*) – Adeus.

- Que Deus te abençoe então e guarde os teus passos. Vai! Não recuses o chamado do teu coração.

VIII

O homem, bonito, e ora liberto do peso daquele gesso, seguiu confiante pelas ruas. Apareceu exatamente na casa onde ele vivia. Tocou a campainha. Dona Alzira veio atender. A Vilminha estava deitada, vendo televisão.

Ele: - Boa tarde!

Ela: - Boa tarde! Quem é o senhor? O senhor deseja falar com alguém aqui?

- Ah, permita que eu me apresente. Meu nome é Richard Bergman. Sou engenheiro civil. Estava trabalhando na construção de uma ponte lá em Lagos, na Nigéria. Vim passar uns dias no Brasil. Fui colega do Antônio, marido da senhora, lá na Prefeitura, e me disseram que ele não tem estado muito bem de saúde. Eu posso vê-lo?

- Ah, lamentavelmente, o senhor chegou atrasado. Faz cinco dias que ele faleceu. Foi um abalo muito grande para toda a família.

- Oh! Minhas condolências! Lamento muito! Posso afirmar então que perdi um dos melhores amigos.

- Bom pai, bom marido. Penou demais, muitos anos com aquele gesso.

- Dá pra imaginar. E como foi o enterro?

- Ah, ele foi cremado, em presença mesmo somente de familiares. Ele pedira que fosse assim, e nós tínhamos que respeitar, o senhor não acha?

- Fizeram bem.

- Malgrado o golpe, temos a consciência do dever cumprido.

- Acredito.

(Sai o senhor Antônio e entrega tudo para um advogado.)

A MULHER QUE CISMOU QUE ERA NOSSA SENHORA

A Dona Luca não era louca. Ou era? ...

Quantos gênios são confundidos com loucos! Van Gogh era um deles. Pintou magníficos quadros, como *Girassóis*, *Noite Estrelada*, *Semeador*. Suas perturbações às vezes projetavam-se em suas telas. Vejamos o *Autorretrato*, em que o Artista aparece decaído – e com a orelha mutilada. Sim. Ele próprio a mutilara. Tempos depois, suicidou-se. Santos Dumont, quando disse que ia voar, foi taxado de doido. A lista é enorme. Vale citar apenas mais um: o premiadíssimo matemático norte-americano John Forbes Nash, inspirador do filme *Uma mente brilhante*. Este gênio cismou, certa vez, que estava tendo contato com seres intergalácticos. Esquizofrenia – garantiram os médicos.

A Dona Luca não era gênio. Ou era?

Era uma dona comum. Convivia harmonicamente em família. Cumpria as obrigações do lar. Católica. Ia à igreja. Rezava. Pedia a Deus pelos filhos. Para si, pedia só uma pequenina coisa: ganhar na loteria.

Seu fervor foi só aumentando: um rosário, dois, três, que rezava a cada dia. Às vezes, ficava zangada, quando chegava visita, forçando-a a interromper suas orações. Era gente que se aproximava dela, rogando que ela intercedesse em seu favor, elevando suas preces até os Céus.

Um dia, desperta-se a Dona Luca, lembrando o sonho que teve: um anjo menino, falando com ela que ela era a própria Nossa Senhora, feita mulher nesta Terra. E que ela teria uma importante missão a cumprir.

Pulou célere da cama. Saiu, percorreu todas as lojas, até encontrar o mais belo tecido: um pano azul celestial, lindíssimo, tal como lhe ocorrera em sonho. Comprou-o e - ela que pouco sabia costurar - teve célica inspiração para confeccionar (escondido de todos) um magnífico vestido, digno de uma rainha. Olhou-se no espelho. Faltava a coroa. Não foi difícil produzi-la também.

É hora! Foi saindo pelas ruas, descalça, com aquele intrigante traje, sorriso ameno estampado no rosto, abençoando cada pessoa que passava. Alguns riam, outros reconheciam nela uma divindade.

Foi um bombardeio de notícias: no rádio, nos jornais. A essa altura, a Dona Luca já não parava mais em casa. Não comia, não bebia, não dormia. Assumira um compromisso maior: levar toda aquela descaminhada população para o Céu. Um compromisso de Santa.

Súbito, uma ambulância! Para. Descem dois rápidos funcionários, imobilizam a estranha e a enfiam dentro do veículo. Sirene ligada. Arranca-se o carro. Chega-se com ela a um hospital. Após cumprir as medidas protocolares, seguem com ela, amarrada, para o hospício. Era a ordem do psiquiatra, a pedido da família. A família venceu. A sociedade imperou. Tontos, loucos, maconheiros, gays, ateus, descamisados, e até mesmo santos, costumam ser vistos como uma ameaça à sociedade. Os nazistas determinam a sua retirada do convívio social.

Quatro semanas. Tempo determinado e já cumprido. A paciente tomou remédios, choques, conheceu outros dementes; seguiu regras, obedeceu a todos os profissionais; curvou-se diante da Ordem Estabelecida. Carimbo. Pronto! Agora, pode voltar ao seu lar.

Foi o que fez a mãe pródiga. Chegou silente, introspectiva... Parecia estar entrando em um lugar que já não era mais o seu. Ela, estranha a todos; todos, estranhos a ela.

Suporta durante três dias. Depois, desaparece. A família sai às ruas para um novo aprisionamento, mas, desta vez, não a encontra. Procura-se nos hospitais, na Polícia, nas estações, até na zona boêmia... Nada.

Um menino de dez anos é que teve uma ideia: "Oh, se ela pensa que é Nossa Senhora, ela deve estar na igreja." Ninguém deu bola pra conversa. Ele e sua irmãzinha correm até a matriz para verificar. Que surpresa! Encontraram aquela Santa no altar, imóvel, com a mão no coração. Dos seus lábios, emanava uma luz e um perfume sem igual. Os seus olhos irradiavam fé, bondade, confiança, esperança.

Os meninos ajoelham-se diante daquele vulto, rezam e saem extasiados. Combinam que não iriam contar para ninguém onde estava aquela Santa. E todos os dias, eles iam visitá-la. Beijavam aqueles gélidos pés, depunham neles rosas. Depois, iam embora.

Hoje os anjos meninos foram visitá-la. Todavia, não a encontraram mais.

O ENTERRO DO MANÉ

Manuel Benigno dos Santos, vulgo Mané, acaba de ser sepultado, no Cemitério dos Ipês Esquecidos.

Aos doze anos, começa a trabalhar numa fundição. Serviço de adulto, salário de criança. As ordens do patrão eram severas. Em casa, se o menino reclamasse, ainda apanhava do pai.

- Você ainda reclama, meu filho? Tem é que dar graças a Deus por ter um emprego, coisa que muita gente deseja e não tem. Ademais, tem que aprender a ser trabalhador e honesto, como seu pai sempre foi. E estamos precisando. A luz, por exemplo, já foi cortada; a água vai vencer amanhã; o armazém já está atrasado... (O pequeno Manuel vai saindo cabisbaixo.)

Tanto trabalho, e morando pai, mãe, um filho e uma filha num barraco de dois cômodos, sem rebocar, numa ruela, numa favela!

Mané, aos vinte e três anos. Mantém-se naquele emprego e ainda se desdobra, à noite e aos domingos, trabalhando como servente de pedreiro. Logo que veem seu barraco reformado, parentes se aproximam dele, pedindo dinheiro emprestado, julgando-o "rico". Houve gente insinuando até que ele estivesse roubando na empresa. O homem até chorou.

Vencido aquele óbice, Mané está hoje se casando com a Celi, moça pobre, porém honesta e trabalhadeira.

Na semana seguinte, o pai dele morre. Considerando que a mãe já havia falecido, era hora de repartir uma migalha,

denominada herança. Muita briga, muita confusão, mas enfim, faz-se a partilha, de modo a dar algum prejuízo ao Mané, que evita reclamar.

Os filhos desse novo casal foram: Lucinha, que fumava, bebia, teve um filho, sendo solteira; e Diogo. Esse era pior: sua vida se resumia em cigarro, bebida, maconha e vagabundagem. Roubava para sustentar o vício. Enlouqueceu-se. Subia no teto do barraco, despia-se completamente e ficava dançando. Os vizinhos chamavam a polícia, a qual, ao invés de prendê-lo, o encaminhava a manicômios. Mesmo sem poder, o pai passa a gastar com médicos e advogados.

E mais: traficantes iam à porta do Mané cobrar drogas vendidas ao filho, sob fortes ameaças. O honrado pai pagava, pra não ver o filho morrer. E coisa que não era de sua índole, vai acumulando dívidas. Surge uma leva de cobradores em frente ao seu barraco. Não enxergando saída, vende a morada ao próprio patrão e liquida tudo o que deve. Só que nela continua morando, ficando obrigado a pagar um aluguel – nada barato -, o qual já era descontado diretamente do seu salário.

Não durou mais o sofrimento. Morre o Mané. Malgrado os males psíquicos, a *causa mortis* diagnosticada foi enfisema pulmonar, em decorrência do acúmulo de pó da fundição, nos seus pulmões e nas vias respiratórias. (Ele já vinha sofrendo, coitado, mas com resignação. Aprendera desde cedo, com o pai, a não reclamar.)

Imediatamente, um jornalista procura a família, para fazer com a viúva uma entrevista, a fim de publicar uma matéria, esmiuçando as desumanidades praticadas por aquela empresa, a qual pagava um salário de miséria e não cumpria

as medidas de proteção e segurança, expondo os operários a riscos, levando-os até à letalidade.

Notícia corre. Chega bufando o empresário, pavoneando o seu poder político e financeiro, ameaçando seriamente o jornalista e a família do falecido, caso a entrevista fosse publicada. Ninguém se amedronta com o leão. Iam publicar mesmo. O avaro dá uma saidinha, depois volta, desta vez, com uma cínica brandura. Instruída pelo jornalista, a viúva pede uma indenização. Do contrário, além de publicar, iriam instigar os operários a entrarem com uma ação coletiva de danos morais e materiais, aproveitando para denunciar injustiças com os empregados em geral, além de incontáveis corrupções. Trêmulo de medo, o empregador acaba assinando um cheque bem generoso para cada um. (Foi a única vez na vida que a Celi teve em mãos um dinheiro como esse.)

Do lado de fora do casebre, uma aglomeração de curiosos. Já na pequena cozinha, apenas um bêbado choroso fazia companhia ao finado. Chega o Diogo, bastante drogado, com o cabelo todo atrapalhado, e começa a dialogar com o tonto:

- Meu pai tá bunito, num tá, moço?
- Tá sim.
- Ele tá com uma cor boa, num tá?
- Só. Só.
- Ele tá com uma saúde, num tá?
- Oh, uma coisa eu te garanto, cara: o seu pai nunca mais vai adoecer.

Alguém entra gritando:

- Gente, o padre, que vai benzer o corpo lá na igreja, já está desistindo de esperar. Ele disse que já está indo embora. Depressa!

O drogado e o bêbado é que se incumbem de fechar e levar o caixão. Ficam um tempão tentando passá-lo pela porta que daria acesso à rua. Não conseguem. A segunda opção foi saírem pela porta dos fundos, para tentar transpô-lo por cima do muro. Combinaram que um alçaria o esquife e o outro o pegaria do lado de fora.

O Diogo, com muito custo, consegue pôr o caixão sobre o muro, e vai soltando-o ... devagarinho..., para o parceiro pegar. Só que o tonto não consegue segurá-lo. O caixão vai deslizando... lentamente... Súbito, a porta dele se abre e o Mané (pela última vez em vertical) se exhibe cor de cera, sorriso enigmático, olhos necrovioláceos e um dente de falso ouro, emitindo falsa luz. Seus braços vão-se abrindo, como quem quisesse despedir-se de alguém, abraçar o mundo. O moço abandona o caixão, sai correndo-tremendo-gemendo, pernas em molambo, deixando tudo se desmoronar. Seguem-se gritos, choros, ataques de risos, uma desenfreada correria afinal.

Uns três ou quatro corajosos voltam para acomodar o viajante do Além ao seu novo *habitat*. Aos poucos, foram voltando os fugitivos, que se consolavam com rezas e cânticos para a ocasião. Velas acesas atestavam a vida que se foi, e que ainda reluzia.

Segue o féretro, na sua marcha sem pressa. A natureza preparara a celebração: era agosto, e dois enormes pés de ipê ostentavam-se lindos e floridos. Na hora de devolver o

homem ao barro-de-onde-ele-veio, um vento vem varrendo tudo, colhendo todas as flores, banhando em ouro o Mané. Só mesmo a Natureza soube reconhecer o seu valor.

Os próximos episódios foram com as opiniões se dividindo: umas pessoas contavam para outras a história, morrendo de rir, comparando aquele morto saindo do caixão com fantasmas do cinema. Outras encaravam o caso com reserva, entendendo que aquilo tivesse sido uma mostra de que ele relutava em não ir, porque ainda não era a sua hora. Houve até quem interpretasse o ocorrido como um claro sinal do fim dos tempos. E, naquele clima, rádios, jornais, TVs não mais davam sossego à viúva, tentando arrancar uma entrevista, sabendo que esta, se publicada, proporcionaria um lucro excepcional aos veículos de comunicação. Ela pedia, implorava sossego. "Vocês não respeitam a gente nem num dia como este. Vocês são verdadeiros abutres. Não tenho entrevista nenhuma para dar a ninguém, nem quero ver vocês à minha frente."

Mesmo assim, houve um bombardeio de publicações, a maioria, sensacionalistas, mentirosas. A notícia ficou durante semanas no ar. Até tevês estrangeiras noticiavam o fato. Por todos os cantos, em todas as mídias, o retrato do Mané.

Daí, eu fiquei pensando: esse honrado Mané lutou tanto, sofreu as mais diversas privações, enfrentou as mais inexoráveis adversidades. Foi obstinado: em hora alguma se corrompeu. Em vida, passou praticamente despercebido. Depois de morto, é que virou celebridade.

O HOMEM QUE DISCURSAVA PARA AS GALINHAS

Na outra casa em que morava, já era costume dele dar aulas pros passarinhos. Ensinava-lhes Matemática, mas principalmente História. Era fanático com a Revolução Francesa. E como era disciplinador! Ensinava, arguía, cobrava:

- Quem foi Robespierre? (Todos calados.) Em que dia, mês e ano se deu a Tomada da Bastilha? Ah, vocês não estão estudando direitinho.

Ameaçava puni-los, caso continuassem nessa indolência – mas seu coração cortava e ele não o fazia, porque gostava muito deles. Amava-os, aliás. Os pássaros não eram só seus alunos. Eram seus filhos.

De início, a esposa achava aquilo esquisito. Depois se acostumou. Ah, mas os vizinhos (e outros curiosos que passavam) é que não aceitavam aquela sua conduta. Primeiro, apenas risos; depois, insultos; até que danaram a apedrejar a sua casa.

Não houve alternativa. Tiveram de abandonar o lugar. Rumaram para uma cidade vizinha, com a promessa do marido de encerrar essa bonita e malograda carreira..., de lecionar pros passarinhos.

Dois dias se passaram, na maior tranquilidade, naquela nova e bucólica morada. Até que...

O muro era baixo. O “professor” viu que a mal-humorada vizinha tinha umas quarenta galinhas no seu quintal. Como era de sua natureza, o ave-instrutor, quando as via,

cumprimentava-as: “Olá!” E as galinhas – que eram muito carentes – respondiam com um “có-có”.

Já na segunda semana, o recém-chegado começou a notar que aquelas criaturas não comiam direito, e ficavam uma boa parte do tempo arfando, com o bico aberto, clamando por água. Aquele generoso senhor passou a ofertar-lhes milho e verduras diariamente.

Hora do discurso. Era só chegar ao muro e avisar: “O despertar da consciência. Venham!” E as frangas vinham tão afoitas, parecendo até uma corrida de galináceos. Nunca se viu um grupo tão motivado. Disciplinado. Enquanto ele falava, elas não davam um pio.

Os discursos passaram a ser constantes. Viraram doutrinação. Tomemos, como exemplo, um excerto de um deles:

“Acautelai-vos! O gambá está rondando a vossa área. Univos. Fortalecei-vos. Mas, principalmente, juntai forças contra essa megera que se diz vossa dona. Vós sois as donas de vós mesmas. Não vos deixeis intimidar. Protestai contra o jugo e a tirania - ainda que custe o vosso sangue. Afinal, o que essa tirana deseja de vós? Vossos ovos; e, depois de abater-vos, vossa carne. – À luta!” – Có-có-có-có!

E tomado, progressivamente, do espírito revolucionário, começou a cantar, cada vez mais alto: “Allons enfants de la Patrie / Le jour de gloire est arrivé / Contre nous de la tyrannie / L'étendard sanglant est levé...” Ensinava às aves: é a *Marseillaise*, o hino da Revolução Francesa. De repente, um balde d'água no rosto daquele inflamado orador afogou seu discurso e sua canção.

As galinhas, que já estavam em pé de guerra, voaram contra aquela desumana. Nunca se viu tanta bicada, tanta esporada, tantos arranhões. Queriam arrancar-lhe até os olhos. Dia de guerra, de galo e de gala.

Polícia acionada. Param as fábricas. Fecha o comércio. A cidade toda se mobiliza para ver em que ia dar aquela esdrúxula revolução. Um grupo de destemidos ameaçou: se esse amoroso senhor for preso, guerrearemos a favor dele.

TVs aportaram ali para entrevistar esse líder revolucionário. O cavalheiro permaneceu em silêncio. A esposa explicou que, de há muito, ele já não sabia mais falar com as pessoas. Só se sentia à vontade, falando para as aves.

Ali mesmo, recebeu diversos convites para se candidatar. Respondia com um sorriso de deboche. Àquela altura, pretendia somente a paz. A difícil paz.

Na manhã seguinte, e sorrateiramente, colocou toda a mudança em seu caminhão e partiu para o sem-rumo. Mas não sozinho. Uma nuvem de belíssimos pássaros veio sobrevoar sua partida. E as fiéis galináceas fugiram todas, pularam no caminhão e partiram com ele – também sem entender para onde. Porém isto não importava. Precioso, preciosíssimo ali era o ar da liberdade.

AS LINHAS SINUOSAS DE UMA VIDA

Beto é hoje expulso de casa pelo pai. Durante os próximos quinze dias, o jovem não teve lugar fixo nem pra comer nem pra dormir. Às vezes, realizava algum trabalho em um posto de gasolina, em troca desses favores. E as pessoas do bairro comentavam: "Deve ter dado motivo."

O pai, o senhor Altamiro, era um homem rígido, tradicional, inflexível. E ele não tolerava essa nova geração, da qual Beto fazia parte. Gente do rock, de cabelos e roupas extravagantes, de brinquinhos nas orelhas. Esse torpe cidadão apenas imaginou que Beto pudesse ter-se tornado maconheiro e homossexual, duas coisas que ele não perdoaria.

Guilherme, bom amigo de Beto, vendo-o nesta situação, arranjou para ele um emprego, em São Paulo, como entregador de pizzas. Beto falou: "Vou hoje mesmo. Peço caronas, mas eu chego lá." Guilherme esclareceu que não precisava ser assim; que lhe pagaria a passagem de ônibus.

Beto apenas completou: "O problema é que eu não conheço São Paulo. Nunca saí deste interior de Minas, para outro estado." "Fica calmo – tranquilizou Guilherme. Você é inteligente, pilota muito bem. Ah, e quer saber? São Paulo tem muito mais campo para uma pessoa se promover do que este grotão em que vivemos."

II

Beto vai morar numa pensão. Ele chegava em casa ali pelas sete da noite, tomava seu banho, depois pegava a moto (que ficava com ele) e ia a um restaurante jantar.

Já no primeiro dia, viu, sentado um pouco mais adiante, um cavalheiro, de uns cinquenta e três anos (idade de seu pai), o qual não tirava os olhos dele. Segundo dia, a mesma coisa. Beto ligou então para Guilherme, e contou-lhe sobre essa importunação. Guilherme: "Calma! Eu conheço São Paulo. São Paulo é assim mesmo. É só não ligar. Depois você acostuma."

Mais uma, mais duas noites, a mesma situação. Aí Beto se desesperou: "Vou hoje jantar lá, mas se aquele viado ficar me encarando, vou rebentá-lo todinho. Eu sou igual meu pai: eu não tolero viado!" Guilherme tentou dissuadi-lo: "Procura outro restaurante, e não aja com violência não. Será pior para você." Beto: "O mesmo direito que essa bichona tem, de ir aonde quiser, eu também tenho." (E desligou.)

III

Já chegando ao restaurante, um carro veio por detrás, bateu na moto que Beto pilotava e vazou.

A polícia, mal interpretando a situação, reboca a moto e a leva para a delegacia. Beto desesperado! Desabafa com o senhor Silva, dono do restaurante:

- E agora, o quê que eu faço? Teria que arranjar um advogado, mas eu não conheço nenhum aqui em São Paulo. O senhor pode me indicar algum?

- Sim. Aquele senhor que está sentado ali atrás. Ele é o melhor que eu posso lhe indicar.

E agora, Beto??? Beto ponderou por alguns instantes. O próprio cavalheiro se aproximou, dizendo que estava à sua disposição. E voltou para a sua mesa.

IV

Beto foi lá e aceitou.

- Vamos então ao meu apartamento para redigir a petição – propôs o advogado.

Imaginem Beto entrando no carro. Corpo todo duro. Cabeça a mil.

Rua da Consolação, 118, oitavo andar. É aqui. Descem do carro. Entram no elevador. Beto, já no último grau de tensão. Não dão uma palavra.

Abre-se a porta do apartamento. Coração de Beto quase saindo pela boca. Para seu alívio, ele avista uma senhora na cozinha.

V

Advogado – Laura, venha aqui por favor. Vou te apresentar meu novo amigo. (A Beto) – E esta é a minha esposa.

(No entanto, persistia ainda uma dúvida na cabeça de Beto: e por que o cara me olha tanto? Será então que ele é bi?)

O delegado recebeu o advogado, o Dr. Adrian Calazans, com entusiasmo. Tratava-se de um jurista respeitadíssimo em São Paulo. Delegado - E nós vamos descobrir quem é o motorista, vamos obrigá-lo a pagar todo o conserto, e ele ainda terá de responder pela sua infração.

Foi o que aconteceu.

- Doutor, mas e os honorários? Tem como o senhor parcelar para mim?

- Vá descansar hoje. Depois falaremos sobre isso.

VI

No outro dia, Beto vai à casa do doutor para saber sobre o valor a pagar. Dona Laura o convida a tomar um chá. Beto mal acaba de sentar, é tomado de um estranho choque:

- Que é isto!!!??? Vocês tinham o meu retrato? Como conseguiram?

- Não é você, Beto. É o Samuel, nosso filho, que faleceu num acidente, lá na Prestes Maia, pertinho do Viaduto do Chá – esclareceu Laura.

(Dr. Adrian) – Quantos anos você tem?

- Vinte e dois.

- Oh! Mesma idade do Samuel.

VII

(*Dona Laura*) – Beto, é hora de esclarecer tudo. Desde a primeira vez que o Adrian te viu, ele ficou transtornado. Você e o Samuel se parecem demais. Vendo-o, era o mesmo que meu marido estivesse vendo o nosso filho; era como se ele não tivesse morrido, que na verdade, ainda estivesse junto de nós. Todas as noites, o Adrian comentava que o havia visto mais uma vez. E dormíamos mais consolados.

Beto chorou. Daquela hora em diante, Beto passou a ser tido como gente da família. Ele representava ali a imortalidade. E o bom Adrian tornara-se o substituto do pai, que Beto já não tinha.

O MOÇO QUE NAMORAVA COM UMA PALMEIRA

Biro era um moço normal. Trabalhava, de sete às dezesseis horas, numa fábrica de ardósias. Ótimo filho, ótimo empregado. Um tipo calado, introspectivo, às vezes, melancólico, outras vezes, não.

Chegava em casa, tomava seu banho, jantava e ia... Aonde? Namorar, é claro. Os parentes já sabiam que ele tinha uma namorada, porém, achavam estranho que ele nunca a trazia para apresentá-la a eles. Aliás, todos do bairro sabiam, mas ninguém o via com ela.

Familiares comentaram com vizinhos, vizinhos com outros vizinhos, e o mistério foi-se espalhando...

Até que um dia, dois meninos resolveram segui-lo. Foram, imperceptivelmente, atrás dele, até vê-lo aos abraços e carícias com ela. Ela quem? Uma palmeira. (Muito bonita, por sinal.) Os meninos voltaram correndo, para rirem à vontade em local mais seguro. E espalharam a notícia no bairro. Só os familiares é que não acreditaram.

Ciúmes?! O moço tinha ciúme de todos e de tudo! Até de um pé de jatobá, que crescera bem próximo à sua amada. Ele tinha desconfianças de que estivesse sendo traído pelo jatobazeiro. Um galho dele que crescesse para o lado dessa palmácea, o moço ia lá e o cortava. E ele tinha certeza de que era amado, incondicionalmente, por ela.

Mais gente passou a assistir, disfarçadamente, àquele momento de amor. E se surpreendia, vez que a palmeira também conversava com o amado. Ela contou, por exemplo, do perigo de ventos, de raios, em dias de fortes tempestades. (Neste caso, o moço só rezava por ela, já que não podia deter

a fúria da natureza.) Quando a vizinhança soube desse namoro, quase morreram de rir. A maioria falava: “Esse moço tá é maluco.” Só alguém não achava, e que ficou amicíssimo do Biro: o Zé Doido. O Zé Doido passou até a ajudar a verificar se algum intruso (incluindo o jatobá) porventura não estivesse tentando abraçar aquela donzela, no horário em que Biro estivesse trabalhando. Tornou-se um guarda constante do Biro, e sem ganhar nada. Tudo por idealismo.

Ah, mas houve dia quando o Zé Doido se esqueceu e não foi vigiar. Nas proximidades, havia uma fazenda. No horário habitual do encontro (por volta de cinco da tarde), Biro chega ao local e flagra o caseiro dessa fazenda, encostado na queridinha, fumando, calmamente, seu cigarrinho. Sem que o trabalhador rural soubesse por quê, Biro parte pra cima dele, com tapas e pontapés, tudo, numa fúria selvagem. O rapaz teve de reagir. Saíram ambos feridos – o caseiro, bem mais. (Só mais tarde este entendeu por que apanhou. Jurou vingança.)

Passou a noite inteira imaginando uma forma de agir. Chamar polícia, nem pensar. Ele também tinha suas tretas, e a coisa poderia complicar pro lado dele. No outro dia, enquanto Biro ainda estava trabalhando – e não tinha Zé Doido para olhar -, o vingador foi à cidade, trouxe na bicicleta vinte litros de gasolina. Faltava só o fósforo, ou melhor, o ato. Cuidando extremamente para que ninguém testemunhasse o fato, foi à mata, derramou todo o veneno sobre aquela inocente planta e, dentro em breve, as chamas já estavam altas. Ironia do destino: a palmeira morreu abraçadinha com o pé de jatobá.

O Biro sumiu. Largou casa, emprego, sem se despedir de ninguém, sem nada explicar – também não precisava. Todos acreditavam era que ele tivesse posto fim à própria vida.

Anos depois, alguém trouxe à família e aos vizinhos uma notícia dele. Informou que ele estava vivo; que andava barbudo, sujo; parecia um animal. Quase não conversava. Vivia de trabalhos avulsos, que às vezes arranjava: roçar um lote, lavar um carro... Outra hora, era a caridade alheia que entrava em ação, para garantir-lhe o sustento.

Tudo isso é o Zé Doido quem conta.

O MALUCO, QUE COMANDOU A POLÍCIA POR UM DIA

Você acredita que o nome influencia na personalidade do indivíduo? Eu acredito. Olhem o nome desse cara: Arineu.

Jung, reportando-se às cartas de tarô, apresentava uma distinção entre *O Louco* e *O Mago*. Ambos podem cometer as mesmas trapalhadas. Só que *O Louco* age por impulso; *O Mago* planeja. O herói da nossa história tem um pouco de cada, vocês vão ver.

O Arineu tinha uns vinte e oito anos. Era como um gato: sabia a hora de relaxar, mas, quando a situação exigia uma rápida ação, não havia ninguém mais esperto. Gato e gaiato. Pedia, mas nunca roubava.

No bairro onde ele morava, havia funcionado uma indústria. Esta, não suportando as sucessivas crises, acabou fechando as portas. Restavam ali dois galpões e um vasto lote, todo coberto de mamoneiras. Algum ferro velho também, ferramentas...

Eram umas nove horas da noite. (Famílias entretidas com a novela...) Arineu, num dia de inspiração, pulou o muro daquela empresa e começou a mexer em tudo lá dentro. O barulho colocou em pânico uma vizinha, a qual não esperou dois tempos: chamou a polícia.

Vendo uns quatro policiais pulando o muro, e já de armas na mão, inicia-se a aventura. O gaiato corre daqui, corre dali, encontra um arbusto, sobre nele, atinge o teto do galpão, anda lá em cima, desce pelo outro lado – e os soldados atrás, mas não encontravam o perigoso.

Depois de um tempão nessa maratona, o sem-juízo ganha a rua, chega próximo da viatura, encontra um policial e pergunta:

- Entrou ladrão aí, né?

- Por quê? Você viu?

- Vi sim. E sou capaz de reconhecê-lo.

- Ah, então vem com a gente. Você será peça chave na captura desse vadio. Ah, e não precisa ter medo não, tá? Te daremos toda a cobertura. E se não der conta de pular, pode deixar que eu te ajudo, tá?

O trapalhão pula sem muitos problemas, entra e vai-se distanciando dos policiais, como se estivesse procurando noutra área. De repente grita:

- Passou por aqui.

A soldadama corre toda pra lá. O maluco segue em ziguezague, fingido perseguir o invasor. Depois, grita novamente:

- Passou pra cá. Correm! Ele está por aqui.

Os soldados se deslocam, seguindo o comando.

- Olha! Olha! Depressa! Acaba de trepar no galpão e de se esconder em cima do teto. Agora sobem dois e os outros dois ficam aqui em baixo.

Os soldados obedecem. Não encontram ninguém lá em cima.

Aquela vizinha, que acompanhava tudo olhando pelo buraco do portão, não aguenta mais. Chama os militares na conversa:

- É ele! Ele tá fazendo hora com a cara de vocês. Prendam-no.

- Ele quem?

- O Arineu, esse moleque aí.

- Ah..., então é você! Tá fazendo hora com a cara da gente, hein? Acha que a gente tá com tempo pra perder igual você, que é um vagabundo? Enquanto estamos aqui, poderíamos estar combatendo crimes em outros lugares e prestando de fato um trabalho à sociedade. Além de invasão, vai responder por desrespeito a autoridades. Ia roubar o quê?

- Juro! Eu não ia roubar nada. Acreditava que, se eu entrasse neste local, alguém acabaria chamando a polícia para mim. Eu tinha mesmo era só vontade de comandar policiais, pelo menos por um dia. *(Com lágrimas nos olhos...)* Me perdoem! Desde a infância, o que eu mais queria na vida era ser policial, principalmente comandante. Eu via nos filmes e achava bonito demais... Mas não tive condições nem ao menos de comer direito. Tinha dia que comia, tinha dia que não comia. *(Bastante melancólico)* Não passei de um Zé-ninguém. E hoje estou sendo preso. Agora é que senti que esta minha brincadeira traria esta consequência. *(E chora, e chora.)*

(Soldados cochichando, um no ouvido do outro)

- Este moço tá totalmente perturbado.

(*Rindo*) - Mas até que ele tem queda pra comandante, hein?

- É a vida. Quantas pessoas não realizam seus sonhos, por falta de oportunidade!

- Exato. Por exemplo: eu, você... Eu queria ser cantor. Você, jogador de futebol. Entramos para a Polícia. Me casei, depois você se casou, geramos filhos, e as responsabilidades de pais de família impediram que trocássemos o certo pelo duvidoso. E fomos vivendo assim, como caçadores de bandidos.

- Lamentável, mas é a verdade. Você há de lembrar, quando eu te contei que... (*Entram na viatura, vão saindo e dão o caso por encerrado.*)

DORMINDO COM A INIMIGA

Tudo começou por causa de um cachorro. De raivinhas em raivinhas, chegou-se a um ponto em que a Naira não mais suportava aquele animal.

A mulher permaneceu por um tempo indecisa. Pensou na hipótese de a culpa ter sido dela mesma. (Ou não?) Para uma melhor orientação, buscou ajuda psicológica.

- Mas, desde o início, quando esse cachorro foi parar na sua casa, era assim?

- Não, doutora, no início era só alegria. Nós corríamos um atrás do outro, trocávamos carinhos, dávamos risadas... Depois é que eu fui conhecendo melhor o danado. Ele começou a mostrar os dentes, eu não liguei muito praquilo não. Todavia, logo ele começou a me morder.

- Jesus! Isso é muito perigoso. Além de ferir, ele pode estar com a doença de raiva.

- E está.

- E ele não foi vacinado?

- Pior que não.

- E por que você não deu um sumiço nesse cachorro?

- Ah, eu tenho muito medo dele. Ele já puxou até faca pra mim.

- Mas espera aí, Naira. De que cachorro você está falando?

- Do Lázaro, meu marido, é claro. Ele me chama de cadela, eu chamo ele de cachorro.

- Ah, agora é que eu entendi. E ele já te bateu?

- Só umas quinze ou vinte vezes.

- Ora, você não pode permitir isso não. Já que você é cadela, mostra os dentes pra ele também! Morde nele! Bate nele também!

Pra quê que a psicóloga foi aconselhar? Naira voltou pra casa decidida. À tardinha, encontrou o Lázaro sentado na sala, bastante excitado, folheando uma revista de mulher pelada. Ela pegou uma vassoura, primeiro deu uma boa mordida na orelha dele, depois lhe aplicou uma boa vassourada. Ele, machão que era, só massageou um pouco a orelha e a cabeça, e continuou lendo a revista. E a cara dela não tinha jeito de estar mais enfurecida. Aí o maridinho chegou a ela com doçura:

- Benzinho, tudo isto é para você. Eu estava fazendo era um aquecimento, porque hoje estou doidinho para fazer amor com você.

Naira se aproximou dele, com um olhar bem sensual... cama!

E continuaram vivendo algum tempo assim: uma paulada pra cá, outra paulada pra lá - do jeitinho que a psicóloga mandou. Às vezes, almoçavam juntos, até mesmo em bons restaurantes, às vezes não; dormiam juntos, ou, com mais frequência, não.

Eu sei é que, com o passar do tempo, chegou-se a um ponto em que a mulher morria de medo do marido, e o marido

morria de medo da mulher. Pouco conversavam. Só olhares ameaçadores, quando um passava pelo outro dentro de casa.

O mais curioso, porém, é que agora, eles se habituaram, definitivamente, a dormir juntos. Só que ela, para resguardar-se, dormia com uma faca debaixo do travesseiro.

Quando o marido notou aquilo, o que ele fez? Colocou uma faca debaixo do travesseiro dele também.

E como era o sono deles? Tranquilo. Tranquilo!? Um mínimo gesto que um deles fazia bastava para que a outra pessoa se levantasse e puxasse a faca.

Bem, meus amigos, às vezes, é um tanto difícil mesmo alcançar harmonia no casamento. Pode acontecer que casais convivam entre si, até por uma vida inteira, num mútuo e desgastante penar. Outros são mais felizes, vivendo sempre de amor. O diálogo, a compreensão, a tolerância são ingredientes importantíssimos para se estabelecer uma boa relação.

No caso da Naira e do Lázaro, optou-se pela Guerra Fria. Esta foi a forma que encontraram para que seu casamento fosse perdurando, perdurando... E, diga-se de passagem, de vez em quando havia festa na casa, ou o casal era visto, num belo passeio de barco. Afinal, o cachorro e a cadela tinham muita coisa em comum.

EU VOU PRA ROÇA COM MUIÉ E FIO

Lembra esse arrasta-pé do Luiz Gonzaga? A história que aconteceu me fez lembrar essa música.

Após o jantar, o casal foi para a sacada de seu apartamento e começaram a discutir. Irene argumentava que não aguentava mais Belo Horizonte. Já Haroldo gostava demais. Provocava a esposa, dizendo que ela era mesmo caipira. “Sempre foi, né?” – reforçava.

E os dias foram passando. A mulher, cada vez mais convicta de que ali não era o lugar adequado para criar e educar os filhos. O esposo cutucava: “Na roça, tem faculdades?”

Na próxima semana, assaltaram a farmácia da esquina – às duas horas da tarde. “Tá vendo? Essa é a cidade que você tanto ama.” – provocou-o, por seu turno, a companheira.

Brigas, apreensões de drogas, passaram a ser rotina por ali. Ouvem-se dois tiros. Nessa hora, o marido andou tácito e cabisbaixo pela sala.

Depois, assalto à mercearia e a uma loja de calçados. A esposa:

- Tá vendo, Haroldo, o terceiro assalto aqui no quarteirão, só nesta semana. Tá esperando o quê?

Para a sua surpresa, o companheiro se redime:

- Tem um provérbio árabe que diz: “Se a sua mulher é mais baixa que você, abaixe a sua cabeça para ouvi-la.” Você tem toda a razão. Você tem muito mais percepção da realidade do que eu. Vou ver no Google se encontramos um imóvel em

alguma cidade pequena, ou mesmo roça, onde a gente possa viver sossegado. (*Abraçam-se; beijam-se.*)

Chegam a uma cidade de apenas dezoito mil habitantes. Ao longe, a mulher avista uma casinha, repleta de poesia, lá no pé da serra. Encantou-se com ela. Aproximaram-se. Na entrada, um flamboyant, todinho em flor. Acácias... E uma placa: Aluga-se.

“Ah! É aqui. O lugar perfeito.” Alugaram o imóvel. Dois dias depois, já estavam de mudança.

O marido andava pelo quintal e comentava: “Ah!... Mas que diferença! A qualidade de vida é outra.” E a esposa se gabava de ter sido ideia dela. Tudo lindo. A serra. Um riacho. Passarinhos. Ar puro. Silêncio ao dormir... Respirava-se renovação.

O casal tinha uma filha de doze anos, a Jeanne, e um filho de quinze, o Artur. Este apresentava algum déficit cognitivo e um distúrbio de fala. Os dois estavam adorando brincar, correr livres por entre as laranjeiras.

Chega uma visita: Cacilda, uma amiga de Sete Lagoas. Que surpresa! Que contentamento! A alegria radiante do casal contagiou a visitante. Foram já de uma vez para a cozinha, colocar a conversa em dia, tomar um café com leite e comer um bolo de fubá – tudo, à moda da roça.

Dali a pouco, o Artur, apontando para o fogão: “Ã, ã, ã, ã ...”

E a mãe:

- Filhinho, agora, eu e a Cacilda estamos conversando.

- ã, ã! Ó! Óia! (Insistindo em apontar para o fogão.)

- Arthur, esta foi a educação que eu te dei? ... Eu te ensinei que quando a gente está conversando, você deve esperar a sua vez, não foi isto?

O adolescente decide resolver por si mesmo. Pega um fósforo, risca-o, taca fogo no forninho do fogão e se afasta um pouco. Em menos de um minuto, vem saindo lá de dentro uma bruta de uma serpente...

"AAAHHHHHH!" A Irene sobe na mesa; o marido (que se queixava de dor na perna) corre, desaparece; a visitante esconde-se no banheiro; a menina, gritando, pula na janela, agarra-se à grade, tentando arrancá-la para fugir. E o Artur, que era mais "calminho", sai pelo quintal afora, acompanhando a cobra, tentando fazer amizade com ela.

Marido e mulher olham um para o outro, respiram fundo e decidem: "Vamos voltar para Belo Horizonte?"

DÁ-ME UM PRATO DE COMIDA!

Uns nascem para o lar, outros, para o mundo. Zizi chegou àquela cidade, nas asas do vento, no crepúsculo de uma sexta-feira. Viu homens nos bares, jogando sinuca, no entanto, por homens ela não mais se interessava; não pretendia construir um lar.

Caminhando, encontrou emprego numa loja de calçados. Caminhando, encontrou uma senhora, a qual confiou alugá-lhe um barracão.

Apesar do seu modo introspectivo, Zizi chamava muito a atenção pela sua beleza. Morena, estatura um pouco acima do normal, olhos grandes, negros da cor de seus cabelos, os quais eram compridos e ondulados. Seus passos lentos revelavam alguém que já tivesse chegado aonde queria. Todavia, faltava muito, minha estimada Zizi. O rio continuará correndo; e a sua existência é um rio.

Ao lado da sapataria, havia um bar. Diariamente, ela passava em frente, sem olhar lá para dentro. Um dia, ela entrou. A turma assobiou. O Gilberto, dono do estabelecimento, não conseguia tirar os olhos daquela sedução. Depois que ela saiu, ele se dirigiu a todos:

- Quem é ela?

Ninguém se manifestava, até que alguém informou:

- Ela trabalha na sapataria ao lado.

- Vou casar com essa mulher! – determinou Gilberto.

Descobriu-lhe o nome. Enviou-lhe flores. Zizi ficou surpresa com aquela distinção - ela que se julgava tão esquecida! Ficou o resto do dia e da noite pensando que o tempo de amar havia chegado. Dentro de três dias, aceitou namorar com o Gilberto. E não tardou muito para que os dois se casassem. Por ciúmes que o marido nutria, ela teve de abandonar a sapataria. Passaria a ser uma discreta dona de casa (ela, que nascera para o mundo...).

Dona Inês, a proprietária daquele barracão onde Zizi morou, passou a provocar encontros com ela. Nessas ocasiões, incutia na cabeça de Zizi: "Fique mais esperta! Seu esposo está te traindo e você nem nota, hein? Você sabe o quanto é fácil para ele. Tem hora que o bar fica lotado de mulheres. Você fica dentro de casa cozinhando, costurando, não vê nada." (A Zizi nem imaginava que a Dona Inês havia sido namorada do Gilberto, e o quanto ela queria voltar pra ele, meramente por interesse.)

(Zizi, em monólogo interior) "Desaforo! Homem se julga no direito de trair. Isto não vai ficar assim não."

Zizi, caminhando por uma praça, encontra um caminhoneiro. Ele desce do veículo; sentam-se juntos; dão-se as mãos; beijam-se. E Zizi acaba fugindo com ele, sem saber pra onde.

Ele, que lhe havia prometido um mundo encantado, após três dias aproveitando-se dela, abandona-a num restaurante de beira de estrada. Ali mesmo teve início a nova vida de Zizi: prostituta. E a informação chegou ao Gilberto. Vagas notícias davam conta de que Zizi perambulava por diversas cidades, às vezes até por alguns países.

Oito anos se passaram. Ninguém mais falava naquela caminhante.

Pois bem. Eram umas sete e meia da noite, quando se avistou, vindo a pausados passos, o vulto de uma maltrapilha; uma mendiga. Era Zizi.

Chegou ao bar; o mesmo bar; o mesmo proprietário. Zizi aproximou-se dele - o qual se encontrava do outro lado do balcão. Ela perguntou:

- Gilberto, ainda te lembras de mim?

- Sim.

- Pois bem. Hoje estou com muita fome. Até este horário ainda não pude comer nada. Por caridade, dá-me um prato de comida!

Gilberto simplesmente respondeu:

- Aqui não tem comida. Eu não tenho mulher pra fazer pra mim.

Zizi seguiu a sua sina, que era vagar, vagar, vagar, perambular pelas incertezas deste mundo.

A SUBLIME ARTE DE SER GENEROSO

Conta-se que em outro tempo e lugar, entre um braço de mar e uma montanha, avistava-se uma aldeia. Recanto de artesãos, pescadores, comerciantes; recinto de vida simples, como a de Karl Freundlich.

Karl, até os vinte e seis anos, tinha uma vida desregrada. Morava numa cidade grande. Recebia um bom salário num órgão público em que trabalhava. O que buscava era ostentação, mais dispendiosa que seu orçamento permitisse. Assim, contraía dívidas e era humilhado. Tentou desafogar as suas mágoas no álcool, no cigarro e outras drogas. Seus amigos de boêmia foram traindo-o um a um, até que um deles transfere a culpa de um roubo, que ele próprio cometera, para Karl. As autoridades policiais, já sabendo da vida que Karl levava, não duvidaram da acusação. O resultado foi seis meses de prisão. Ali, encontrou oportunidade para ler livros de sabedoria e meditar. Isto, somado a uma comovente ânsia de renascimento, fizeram com que Karl se tornasse um novo ser.

Quando saiu do presídio, decidiu-se pelo altruísmo. Despojou-se de tudo o que possuía e foi morar numa gruta, naquela aprazível aldeia. Restava-lhe uma caneca, mas quando avistou um andarilho bebendo água com as próprias mãos em uma mina, Karl sentiu que não precisava nem desse objeto. Ofertou-o ao caminhante.

Seu amor e sua dedicação aos outros eram tamanhos que, mesmo contra a sua vontade, ele veio a ser reconhecido como o homem mais generoso da Terra em seu tempo. Milhares de pessoas o procuravam no dia a dia, e ele sempre dava um jeitinho de ajudá-las.

Um dia, Karl morreu e foi para o Céu, seu destino natural. Logo que lá chegou, foi recebido com festa por São Pedro:

- Que alegria, tu aqui, vindo morar com a gente!

- O júbilo é todo meu. Jamais poderia imaginar merecer tamanha graça – eu, um grande e renitente pecador.

- Ora, Karl. Teus pecadinhos foram leves. Tão levinhos! ... Ah, vamos! Vou te mostrar o Paraíso. Comecemos pelas videiras. Olha, Karl, que uvas grandes e doiradas! Acaso, já viste cachos assim lá na Terra?

- Em tempo algum – respondeu Karl extasiado.

E São Pedro foi mostrando a Karl demais paradisíacas maravilhas. Os jardins, com flores jamais imaginadas; os lagos; as cachoeiras. Depois:

- Karl, agora, por teres sido o melhor homem do mundo em teu tempo, nada mais justo que te dar um presente. Podes escolher qualquer uma dessas maravilhas que te mostrei. Queres as videiras de uvas doiradas?

- Não, obrigado, respeitável Porteiro do Céu.

- Ah, então, tu aceitarias os jardins? Os lagos? Ou não gostaste?

- Obrigado. Não é que eu não tenha gostado. Tudo aqui é esplendoroso. Estou convicto é de que eu não mereço.

São Pedro foi caminhando com Karl, pausadamente, por sobre as nuvens, oferecendo-lhe outras maravilhas celestiais. Karl, longânime, simplesmente agradecia e abdicava. Até que São Pedro fez um desabafo:

- Karl, em verdade, tu estás me pondo sem graça. Quis ofertar-te tantas belezas aqui do Éden e tu recusaste todas. Lembra-te: tu estás no Céu. Podes pedir o que viste ou o que imaginares, e essa coisa, por milagre, aparecerá em tuas mãos. (*Silêncio.*) (*Com ar desalentado*) - Não pretendes mesmo escolher nada do que foi exibido ou até imaginado?
- continuou São Pedro.

E Karl, com a mesma doçura, que sempre norteou seus passos aqui na Terra, responde timidamente:

- Então, para o senhor não ficar sem graça, eu aceito um pedaço de pão com manteiga.

São Pedro estava ainda perplexo perante aquilo que via, quando vem chegando São João e, com rosas saindo de sua boca, sorri e explica:

- Pedro, queres saber por que esse homem não pretendia nada aqui do Paraíso? É porque, trilhando o caminho do bem e da paz, como trilhou, ele já havia construído o seu próprio Paraíso lá na Terra. Ele não precisava de mais nada. Mas vamos então, Pedro! Antes que ele desista, traz-lhe o chá, que já vou providenciar o seu pão com manteiga.

NUM BECO ESTRANHO, LÁ NA BAHIA

Salvador é a cidade dos becos. Isto já foi expresso até em livro: *Entra em Beco, sai em Beco*, de Uriarte; ou em música: *Madalena*, de Gilberto Gil.

Num desses becos, morava o Juvenal, moço alegre e honesto, que viera de uma cidadezinha, para trabalhar no porto como estivador. Em Salvador, arranjou uma morena, a Clotilde. Namoraram, casaram. Ela era bacana demais, porém, austera. Ela era quem mandava na casa e no marido.

Quem diria que um simples passeio pela noite fosse complicar tanto a vida de alguém? Foi o que aconteceu. Após um dia fatigante lá no porto, o Juvenal resolveu ir a um forró, que estava acontecendo num bairro próximo. Tomar ali uma cervejinha, comer ali um churrasquinho, e quem sabe até dançar? (Escondido da patroa, é claro).

De repente, aproximam-se dele três figuras estranhas. Não escondem que são traficantes. Querem envolver o coitado no consumo de drogas e na prática do crime. O Juvenal teve uma calma danada - aquela paciência que só um bom baiano sabe ter. Sorrindo, recusa uma e outra oferta, porém, dá um jeitinho de tratar a moçada muito bem, cuidando o tempo todo para não censurá-los nem lhes desagradar. E logo que pôde, zarpou. Desapareceu da área.

Imediatamente, já estava a polícia algemando os marginais. E dentro de três dias, eles já estavam soltos. E agora, Juvenal?

Os bandidos estavam furiosos. Suspeitaram que, naquela rápida escapulidinha, o Juvenal é quem teria ido caguetá-los.

Vingança! Hora da perseguição. Com dentes cerrados, ventas arreganhadas e sangue nos olhos, juraram executar aquele "traidor" - e com requintes de crueldade -, como costuma acontecer no submundo do crime. Faltava saber melhor quem ele era, onde morava, que ambientes frequentava.

Dentro de oito dias, os criminosos estavam devidamente informados sobre o nome do suposto delator e o barraco em que morava.

Numa quinta-feira, o Juvenal ia trabalhar, de 22 horas às 5 da manhã do dia seguinte. Ah, mas a tocaia estava montada. Para chegar à avenida, de onde o ônibus da empresa saía, o único caminho era um beco, pertinho do seu barracão. E ali estavam eles! Decisivos e armados! A esposa viu primeiro. Avisou logo ao marido. Momento de alta tensão. Agora, se chamassem a polícia, seria real; talvez ficasse pior. Da outra vez, não fora o Juvenal. Estava sendo perseguido inocentemente. (O coitado se isolou entre dois medos.)

"Melhor faltar ao trabalho. Um dia só. Mas sem avisar? E a responsabilidade?" O Juvenal bebia um golinho, mas era muito responsável.

(A esposa) - Pronto. Pode ficar tranquilo. Já bolei um esquema infalível. Você não vai perder dia de trabalho coisa nenhuma. (*Batendo no peito.*) Confia nesta baiana arretada aqui, que vai dar tudo certo. Levou o marido até o quarto. Começou a fantasiá-lo, como se fosse para um carnaval. Colocou nele aquele típico vestido de baiana, que ela usava; depilou meio às pressas as pernas dele; calçou-lhe um tamancão, ornado com uma rosa; escolheu-lhe a blusa; vestiu nele um sutiã, com duas laranjas, que enganavam como seios; pôs nele uma cabeleira; rapou sua barba e

bigode; passou nele um ruge; tacou nele um batom bem vermelho. Deu nele um tapinha no rosto e disse: "Vai! O resto é por sua conta."

E não é que o homem até se entusiasmou? Olhou-se no espelho: de frente, de costas, de perfil; ensaiou até uma reboladinha e se foi.

Passou "dengosa" no meio dos três. Ninguém o reconheceu, nem ao menos como homem. Um dos marginais até fez uma gracinha:

- Ô gostosa, tá poderosa, hein? ("Ela" até mandou-lhe um beijo.)

Não sei é como ele foi recebido lá no serviço aquela noite. Mas de uma coisa eu tenho certeza: pelo entusiasmo por ele demonstrado, a Clotilde deve estar agora morrendo de medo é dele ter gostado da experiência e querer continuar sendo... mulher, sempre mulher. "Amei" – diria ele.

A METÁFORA DO LAGO AZUL

Em meio a uma floresta bravia, ornada de pendentes flores, pássaros de cores mil, aconchegantes brisas, sol doirando sem queimar, ostenta-se bem ao centro o protagonista: o lago azul. Paisagem deslumbrante, digna de cinema.

O acesso se dá por uma estrada estreita, de chão, a qual o rodeia, seguindo depois seu curso. Seu límpido azul se explica, pela pureza de suas águas, refletindo um céu, na maior parte do ano, quase isento de nuvens.

Por ali passam agora dois campônios, quando um ao outro se dirige:

- Cumpade, num cunhicia essa lagoa não. Aqui deve tá bõ dimais é pra pescá. Mió do que ficá perdeno tempo com esses riachinho.

- Uhm!!! Boa dimais! Tamém num cunhicia não. Vamo marcá uma pescaria pra amanhã? (*Rindo*) Vamo inchê nosso balaio de peixe!

Em seguida, veio vindo um engenheiro. Parou em frente àquela bacia hidrográfica, mirou-a, examinou-a detalhadamente, depois concluiu:

“Este lago tem tudo para romper-se. Vejo que as suas margens já estão desgastadas, algumas até fragmentadas. Bastará mais uma chuvinha de nada para que tudo em volta esteja completamente alagado.”

Sem tardar, chegam ali quatro jovens de bicicleta. Eram praticantes de triatlo. Para quem não se lembra, triatlo é uma prática desportiva composta por três modalidades: natação,

ciclismo e corrida, nessa ordem e sem interrupção. Exige muito dos atletas. Os moços custavam a caber em si: "Nossa! Descobrimos um lugar sensacional para nadar." "Praticar esqui aquático." "Canoagem." "Só não dá é pra surfar, porque as ondas são baixas." Eram as suas expressões de entusiasmo. Após todo esse deslumbre, eles pegam suas bikes e seguem, estrada afora, sonhando verdes e arejados sonhos...

Estaciona ali um carro. Desce um casal. Eram agentes de turismo. A esposa demonstra surpresa com o que vê:

- Amor, nunca passamos por um lugar como esse! Tão bonito assim, não entendo por que ainda está virgem, inexplorado turisticamente.

- Nós é que vamos explorá-lo. Em pouco tempo, estaremos milionários.

- Já estou até imaginando: no fundo, um magnífico hotel; aqui na entrada, uma lanchonete panorâmica... – fantasiou a esposa.

E eles se foram, gesticulando, cabeça plena de quimeras.

Não poderia faltar um funcionário corrupto. Este era o Zé Cachaça. Pele clara, gordão, barrigudo, olhos vermelhos... Só pensava em bebida, comida e sexo. Ajudava o prefeito em suas falcatruas. Por isto, pouco trabalhava, e ganhava bem mais que os trabalhadores honestos. Este crápula foi vendo o lago e tirando as suas ardilosas conclusões:

- Olha, logo eu, que trabalho na prefeitura, ainda não conhecia este lugar. Surgiu-me uma ideia genial: vou roubar toda essa riqueza. Amanhã mesmo, surrupio algumas

manilhas de algumas obras nossas, trago de lá uns dois pedreiros, vou canalizar a água e vendê-la bem caro. Aqui, com o tempo, será povoado. O monopólio da água será todo meu.

E a bela tarde se despede. O rei sol passa a coroa à rainha lua. Vem chegando uma jovem com pincéis e tela na mão. Era artista, e, como tal, não poderia perder a oportunidade de pintar aquela maravilha.

Logo após, vem chegando um penseroso... Um rapaz de passos lentos, olhos na natureza e alma na alma de todos e de tudo. Um poeta. Aquele vê o lago e vai deslizando a sua pena sobre um papel, até que o resultado se mostre: um esplêndido poema!

Um andarilho, perplexo perante aquele encanto, pede ao vate liberação para musicar aqueles versos. Daí, ele empunha o violão e o poema se converte em música. O que era belo tornou-se, ainda, célebre.

É assim. Cada pessoa enxerga o mundo de seu ângulo, levando-se em conta seu universo, seu histórico de vida, seus valores éticos e morais. Ninguém é detentor da verdade. Não existe um padrão, nem há como definir esta doidesfera em que vivemos. O mundo: bom, mau, feio ou lindo, nada mais é que aquilo que a gente concebe. E é um espelho. Ao revelarmos as nossas impressões, revelamos realmente quem somos.

O PINTINHO E O GAVIÃO

Tarde cálida. Calma. Clara. Só mesmo uma brisa de verão cortava o espaço, trazendo um renovado alento.

No terreiro de uma casa, entre muitos galináceos, destacava-se um pintinho, o mais bonitinho de todos. Não propriamente uma criança; era grandinho; um franguinho adolescente, digamos assim. Vamos pôr um nome nele? Pode ser Pedrito?

...

Desce rápido o Gavião. Pragmático, não pensou na invasão, na imersão, no desintegrar de uma família. Considerou só a si: seu talento, seu intento, seu sustento, seu poder, seu desejo, sua cobiça, sua superioridade. Sequestrou o adolescente.

Subiu, subiu, com a presa bem segura em suas garras, até sentir-se seguro no espaço, para um voo horizontal.

Pedrito deleitava-se com a viagem... Sorria... Sentia-se leve, como nunca na vida... O experiente piloto batia asas para arejar seu passageiro. Isto, a brisa, o azul, o mais, proporcionavam ao adolescente uma sensação de liberdade: alçar um voo, que nem mesmo seus pais eram capazes de alçar; sair do seu mundinho limitado; afastar-se dos censores; sorver o prazer da aventura... Que presente!

O voo continuou: lá, e em minha imaginação. Quantos Gaviões existem em nosso meio: assaltantes, que violam nossos lares; hackers na internet; políticos prometendo serem os salvadores da Pátria, e que nos embrulham e que nos esbulham; falsos profetas, que prometem o Céu, vão extorquindo e desaparecem; furtos de senhas; pirâmides financeiras; golpes dos cartões; saidinhas de bancos; contos

do bilhete; contos do vigário; patrões sugando empregados; nações pisando em nações; parceiros, com doces palavras de amor, e pretensões materiais.

Quantos adolescentes, a exemplo da avezinha desta história, iludem-se com promessas! “Agora vou virar modelo!”; “Vou me tornar o mais famoso dos cantores!”; “Vou ser jogador de um grande time de futebol!” E podem estar encontrando verdadeiros gaviões pela sua trajetória. Aquele sorriso, aquele ar de liberdade, que arrebataram Pedrito, talvez se tornem efêmeros. Crianças, adolescentes e até adultos podem ser assediados para o tráfico, a prostituição, a delinquência... Quanta promessa de uma vida glamorosa no exterior, quando, na realidade, o artifício não passa de uma porta para o tráfico internacional de humanos!

A mesma história antiga: o lobo e o cordeiro; o gavião e o pintinho. Opressores e oprimidos. Inconfidência Mineira, Revolução Francesa... Eventualmente, oprimidos reagem.

Contudo, é regra que a maior parte dos cidadãos nada faz para livrar-se das garras dessas aves de rapina. Pessoas excessivamente ingênuas, ou não enxergam as maldades, ou - se as veem - desculpam, perdoam com facilidade. Projetam nesses facínoras a sua bondade interior.

E tem o caso daqueles que, mesmo conscientes de estarem sendo lesados, persistem em defender seus extorsores. Identificam-se com eles; brigam por eles; matam por eles. “Meu extorsor, meu herói.”

... Uma roda de crianças formava-se numa pracinha. Jogavam figurinhas. Era domingo, dois dias após o fato. Do nada, um menino de uns seis anos emite a sua opinião:

- Eu acho que aquele gavião acabou perdendo aquele pintinho.

Uma menina de uns oito vai além:

- Eu acho que o gavião perdeu e que ele e o pintinho se tornaram amigos para sempre. E todas as tardes, o gavião leva o pintinho para um novo voo, por paisagens cada vez mais deslumbrantes...

Quimeras... Devemos no entanto sonhar... Sonhar alto... Sonhar às vezes como crianças... Ousar. Toda grande invenção precede-se de um sonho e se nutre de ousadia. Acertar, errar fazem parte do jogo. Precisamos ter bem claro, bem verdade, é que, rarissimamente, um sonho se realiza como num passe de mágica. (Só mesmo nos contos de fadas.) O conselho é ficar atentos, porque exatamente nas promessas é que pode residir a emboscada. Grandes conquistas, de regra, exigem preparo, planejamento e uma boa dose de dedicação. Os antigos latinos já tinham consciência disto: "Ad astra, per aspera."

MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE UM VIRA-LATA

Noite de sábado. Pessoas se preparando para festas, bailes, bebedeira. O ranger da roda dos carros e o ruído estridente das motos me atormentava. Meu único amigo encontrava-se deitado na poeira, a uns cinco metros de mim, e ele não pôde perceber o que se passava comigo. Eu estava cansado; exausto; extenuado; entregue. Ouvi o sino da igreja dar oito badaladas. E mais nada. Selou-se o meu fim.

Imediatamente, porém, eu já estava em outra dimensão, mais leve, mais livre, provando, aliás, que não existe fim. A vida é um eterno renovar.

Nesse novo plano em que eu me encontrava, meus sentidos se aguçaram, assustadoramente. Coisa que às vezes eu via os humanos fazer, tinha muita vontade, mas não podia, aqui consigo, com surpreendente facilidade: falar; escrever...; usar até outros meios de comunicação que os terráqueos ainda não descobriram.

Senti que deveria registrar as minhas memórias. Talvez elas possam ser úteis aos humanos. Bem, de início, quero esclarecer que eu não sou um autor vira-lata, mas sim, um vira-lata autor. Eu, outrora um mísero, esquecido dos humanos, quem sabe agora me torne visto? Quem sabe eu até me converta em uma celebridade?

Principiarei contando como era, para nós, que somos cães, o mundo dos homens. As primeiras vezes que víamos um carro (aquilo, enorme, percorrendo ruas sem fim), pensávamos que fosse um animal grande. Ônibus, caminhão, um bicho maior ainda. Quando vi pela primeira vez um trem de ferro, pensei que fosse um dinossauro. Aviões, nós imaginávamos pássaros misteriosos. Entendíamos que o poder dos

humanos se intensificava, uma vez parceiro desses gigantescos seres.

Também os cães são vítimas de desigualdades sociais. Alguns nascem em palácios, ou pelo menos têm um lar, a companhia de gente carinhosa e que lhes não deixa faltar água, comida e lenitivos para as suas dores. Eu não. Nasci num morro, num beco de prostituição. Por isto, não conheci meu pai; somente minha mãe, a qual – lembro-me ainda – me abandonou bem novinho, por falta de condições de me criar.

Vivi, portanto, sem teto; sem lugar; sem lar. Meu destino era vagar... Para onde? Buscando o quê? Eu não sabia. Não tinha condição nem condução nem direção. Acresce-se que nasci no Brasil, naquele trágico dia 1º de janeiro de 2019, numa atmosfera político-pandêmica.

Além de vira-lata, eu era desempregado. Ora! Acham bizarro o meu dito? Alguns cães têm seus empregos, e são bem remunerados por eles: vigilantes, guias de cegos, auxiliares policiais... Quanto a mim, eu não tinha ocupação. Restava-me deitar num lugar qualquer e ver o tempo passar, até que chegasse o meu fim. Que existência vã! Sentia-me inútil. (Ou eu era mesmo sem utilidade?) Tinha crises existenciais; de depressão. (Canídeos também as têm.)

Demais, não posso ser injusto. De vez em quando, eu recebia de mão desconhecida alguma migalha, ou algum alimento que já estava ficando estragado. (A um vira-lata, não compete escolher sua refeição. Come-se aquilo que se acha.)

Contudo, eu vivia contente. Às vezes me divertia, correndo atrás de um companheiro, ou ele correndo atrás de mim. Para um vira-lata, isto já é bastante.

Ocasionalmente, víamos pessoas ouvindo músicas tão altas, e de um nível tão baixo (nós, com esse nosso ouvido apurado), e não compreendíamos por que essa gente se submetia a isso. Pensávamos que fosse algum castigo aplicado a ela.

Achávamos que o ser humano é muito lento em seus sentidos e percepções. Nós, cachorros, ríamos deles, porque conseguíamos ver, ouvir e cheirar a uma distância um tanto maior que eles. Covardes também. Embora bem maiores do que nós, basta um latido para que comecem a entrar em pânico.

Ouvia os humanos falar de política: que com o novo governante, tudo ia melhorar. E não melhorava nada. Dali a pouco, o povo estava injuriando esses mesmos que elegeram. Só não gostávamos, quando alguém assim se expressava: "Isto é cachorrada do governo." Acaso, cachorros são assim tão mal-intencionados?

Era mesmo hora de partir. Não suportava mais presenciar tanta falsidade, tanta injustiça. Víamos os seres humanos ir a templos, pregar doutrinas, orar, e poucos cumpriam aquilo que prometiam lá no altar. Parece que não aprenderam a amar e perdoar, o que, para nós, cães, isto é inato, nada fora do normal.

Quando eu estava na Terra, não sabia falar. Também, de que valeria se eu falasse? Vira-lata nunca tem vez nem voz. Vira-lata só é notado depois que morre. Como? Tornando-se um lixo fétido a ser removido.

UM ASILO MALUCO

Advertência: se você é tradicional e se deixa guiar por um pudor acentuado, então, não leia esta crônica. Ao contrário, se você tem uma mente aberta a inovações (e até mesmo permissões), então, escolheu a leitura certa.

Um asilo municipal era ocupado por 29 idosos – dentre eles, alguns com transtornos mentais. O diretor era um médico, também já velhinho. Ali trabalhavam uma cozinheira (que era também faxineira) e uma enfermeira. Lá uma vez por mês, aparecia ali um grupo, também de velhinhos, oferecendo alguma música aos asilados. Um violino, uma flauta e um violão tocavam valsas dolentes, tão lentas quanto a vida naquele limitado recanto.

O diretor, valendo-se do seu direito de tirar suas férias-prêmio, decidiu que ia para a Alemanha, ficar lá durante três meses. Colocou em seu lugar uma psicóloga, que ele havia conhecido em um congresso.

Chega a Dra. Kátia Rios. Asilo bastante silencioso. Logo ao anoitecer, invade aquele espaço uma banda de rock da pesada, assustando todo mundo. Os velhinhos pulam da cama para ver o que acontecia. Dra. Kátia havia preparado o ambiente, numa área ociosa à frente do asilo. Encheu ali de balões, e não poupou efeitos luminosos. Conduziu todos ao local, incentivando-os a dançar. Um recusou: “Ah, não posso. Eu sinto dores nas pernas.” E ela: “Isso é porque você fica muito parado. Vai dançar sim.” Uma senhora confessou que sempre teve vontade de dançar, mas achava que seu tempo já tinha passado. “Não passou não. Você está novinha ainda” – contestou a psicóloga.

Naquela noite, todos dormiram em paz. Nem se lembraram dos comprimidos para dormir. Adoraram! Queriam mais.

O Zé do Angá revelou que o maior sonho da vida dele era tocar sanfona, mas que agora já era tarde demais. A Dra. Kátia conversou com o dono de uma loja de artigos musicais e este presenteou o Zé com um belíssimo acordeom. De início, era até cansativo ouvir aquele nheque-nheque do Sô Zé o dia inteiro. Num instantinho, porém, o homem já estava tocando uma porção de músicas bonitas. Aprendeu sozinho.

E a cada dia, era uma ocupação diferente e dinâmica. A Dra. Kátia notou que alguns velhinhos tinham manias. A que mais lhe chamou a atenção foi a Dona Ção. Cismou que era um pé de alface. O que a terapeuta fez? Levou todo mundo para a área ao ar livre e propôs: "Gente, hoje nós vamos fazer um teatro. Eu sei que todos e todas aqui têm uma veia muito forte de atores." (Todos sorriram realizados.) "Então vamos: aqui hoje é uma horta. Cada um vai ser uma verdura diferente. Eu vou ser um pé de couve." – E você, Dona Ção? – Alface, respondeu aquela mulher.

"E então? Todos nós vamos fazer gestos leves, agradecendo ao sol por essa luz e energia." (Todos fizeram muito bem.) "Agora, estamos sentindo uma chuvinha fina, refrescante, caindo sobre nós." (Foi bonita a encenação.) De repente, a psicóloga advertiu: "Gente, um punhado de galinhas estão vindo em nossa direção, e elas vão nos comer. Correm! Correm!" Todos correram, menos a Dona Ção. A doutora: "Corre, Alface! Ou você quer ser comida?" (Dona Ção) - "A senhora esqueceu que um pé de alface não tem como correr?"

A Dra. Kátia ponderou: "Essa mulher, de doida, ela não tem nada. Ela tem muito mais lógica do que eu." Deu-lhe alta na

mesma hora. Na sequência, um a um foi sendo considerado curado e pronto para sair.

Faltava resolver o caso da Dona Cacilda. Viúva, setenta e nove anos, vivia em constante depressão. Já havia tentado vários tratamentos, em vão. A psicóloga, após conversar muito com ela, convidou-a para irem a um determinado endereço. De início, a paciente recusou. Dois dias depois, acabou aceitando.

O apê do Mc Leno era simples e aconchegante. E ele, um michê de vinte e cinco anos, saradão e educado. Dra. Kátia: "Cacilda, agora é com você. Te espero lá fora. Volto daqui a uma hora, OK?" Cacilda teve um deslumbrante momento. Há quase quarenta anos, aquela viúva não vivia uma noite nem parecida com essa. Adeus, depressão! O primeiro programa, a psicóloga bancou. Os próximos, também com outros gatões, a própria Cacilda pagava.

Volta o médico, irritadíssimo, já sabendo de tudo. Dispensa a psicóloga.

No dia seguinte, os ex-asilados vão à casa daquela Amiga. Levam-lhe flores, bombons, cantam muito para ela. O Zé tocou acordeom. Aliás, este artista agora se apresentava numa emissora de rádio e era também contratado para bailes e festas. Outros ex-asilados arranjaram empregos ou montaram o seu próprio negócio. Quanto à psicóloga, ela não precisava mais daquele emprego nem de nada. Ela sorria tranquila, porque já se sentia plenamente realizada.

O VENDEDOR DE MANGAS

O vendedor de mangas era um menino de dez anos. O que ele tinha de especial? Quem o olhasse superficialmente, ou quem nem reconhecesse a sua existência (a maior parte das pessoas, por sinal), jamais descobriria um fulgor, que emanava de dentro dele, capaz de iluminar muitas pessoas, ou quem sabe, até o mundo.

Casualmente, passei por ele um dia. Ele me ofereceu aqueles frutos viçosos, cuja venda ajudaria na subsistência familiar. Comprei algumas. Ele agradeceu. Também agradeceu.

O que mais me surpreendeu foi que o rito da compra e venda não terminava ali. Quando uma pessoa comprava, o menino a convidava a ir à casa dele conhecer o pé de manga. A resposta que de regra se ouvia era mais ou menos assim: "Outra hora. Depois eu vou."

Quando o convite chegou a mim, aceitei-o, não sem primeiro perguntar: mas você perde um tempo, que você estaria usando para vender as suas mangas. O garoto demonstrou que isto seria o de menos.

Cheguei à casa do menino. A mãe dele, viúva, estava na cozinha. Ela veio, pausadamente, e me cumprimentou.

- Bom filho esse seu, hein!? – falei com ela.

- Sim. Ele é ótimo.

Fomos ver o pé de manga. Nem imaginem o entusiasmo e o amor que aquela criança nutria por aquela árvore! Mas não era só. O menino tinha um extremo cuidado com tudo o que se relacionasse ao meio ambiente.

- A senhora ensinou-lhe desde cedo tudo isso? – perguntei.

- Ensinei alguma coisa. A grande parte desse seu amor, no entanto, vem dele próprio. Eu mesma às vezes fico surpresa com tanta dedicação.

Chegou a hora de me despedir. Contudo, não saí de lá sem antes tomar um café com eles e comer um pedaço de bolo de fubá.

Ao sair, quis dar uma merecida gorjeta àquele pequeno notável, porém ele não aceitou.

Um dia, quem passou pelo menino foi uma senhora educada e elegante. Oferecendo-lhe as mangas, a senhora comprou umas três. Convidada a ir à casa dele conhecer o pé, ela também aceitou. Foi tratada com a mesma cortesia. Conheceu a mangueira, tomou café com o menino e a mãe dele. E aquele amor que a criança demonstrava pela natureza não saiu mais da cabeça da visitante.

Alguns anos se passaram. Veio a eleição. Aquela senhora se candidatou e ganhou para prefeita da cidade.

Já no dia seguinte, essa mulher foi visitar aquele menino – naquela época, já com dezenove anos. A alegria deles foi imensa. A mãe apenas lhe pediu desculpas, alegando que não tinha mangas, porque não estava no tempo delas; e que... infelizmente... naquele dia, eles não tinham nem ao menos um café para lhe ofertar.

- A situação anda difícil? – perguntou a visitante.

- Põe difícil nisso. Eu e meu filho desempregados, devendo à mercearia...

- Mas eu lhe garanto que vai melhorar.
- Tenho fé em Deus que um dia ainda melhore sim.
- E se este dia for hoje?
- Por quê?
- Hoje eu não vim aqui comprar mangas não. Eu vim foi convidar o seu filho para ser o nosso secretário do meio ambiente.
- Ah, mas ele ainda é muito menino. Será que ele dá conta?
- Senhora, não existe outro igual. Nós é que nos sentiremos privilegiados, tendo lá um servidor como este.

O garoto aceitou radiante de alegria. E ele fez um trabalho tão notável, que fora reconhecido até no exterior. Prêmios e honrarias passaram a ser corriqueiros. Mas tudo porque ele era guiado por uma luz extremamente forte, sublime e criadora, a que denominamos amor.

SÃO JORGE OU NAPOLEÃO?

Bento era um mocinho simples, educado, honesto. Havia muito tempo, vinha trajando aquele mesmo tênis velho, furado. Comer, comia em casa. Mas não tinha dinheiro pra nada. Não arranjava emprego.

Um dia, um caminhoneiro, querendo agradar ao rapaz (porque estava bastante interessado em sua irmã), convidou-o para darem um passeio em São Paulo. Bento foi e por lá ficou. É que logo arranjou um emprego de vendedor externo numa fábrica de imagens.

- Bento, você é o mais indicado. Esse seu jeitinho tímido vai dar certinho pro que nós estamos querendo. Além do mais, você já tem nome de santo – avaliou Sô Alves, o patrão.

- Ó, só que eu nunca trabalhei de vendedor não.

- Não tem importância. Nós damos o treinamento. Vamos começar?

- Bento, você vai vender esses santos em Minas Gerais. O povo lá é muito católico... Quando você chegar numa pessoa, sabe o que você vai falar? Vai falar que é seminarista em Aparecida do Norte, e que está vendendo essas imagens para ajudar a custear seus estudos, combinado? Venda garantida!

- Combinado.

O esquema funcionou, que foi uma beleza! Vendas lá nas alturas. Com um ano, Bento ganhou uma chefia e ficou trabalhando na fábrica mesmo. Foi a oportunidade que teve de ficar conhecendo melhor o seu patrão. E como ele era? Bom demais, porém um pouco distraído. Esquecia-se de uma

reunião; marcava compromissos para o outro dia, nem se lembrando de que era feriado; chegou uma vez até a ficar em dúvida, se já havia almoçado ou não.

Numa tarde, chega à fábrica o senhor Pérez, dono de diversas lojas de artigos religiosos no Paraguai. Encomendou 1000 imagens de São Jorge. Discutiram-se preços, condições, até que o contrato foi assinado, com uma cláusula, prometendo a entrega em 30 dias.

Pois é. Entra freguês, sai freguês, é conta pra receber, é conta pra pagar... O fato é que, quando menos se espera, os 30 dias já haviam voado. Bento vai ao porão e anuncia:

- Sô Alves, o senhor Pérez tá aí.
- Que senhor Pérez?
- O paraguaio.
- Não sei quem é não. Quê que ele quer?
- A encomenda, ué. Os 1000 São Jorge que ele encomendou.
- Senhor do Bom Jesus! Era pra hoje? Fala com ele que não deu tempo. Ou melhor, que ainda não terminamos. Ah, inventa uma desculpa qualquer.
- Sô Alves, mas o homem vem lá do Paraguai com um caminhão-baú. Vai perder dia pra vir, dia pra voltar, tem o combustível, tem o lucro cessante... Ele pode entrar na Justiça contra a empresa.

Duas grandes qualidades o Sô Alves tinha: não era de apavorar, e era um tanto criativo. Parou... Acendeu um cigarrinho... Pensou... Depois...

- Resolvido! Bento, sabe o que você vai fazer? Fala com o homem que já estamos embalando; que já-já, ele terá a encomenda prontinha pra levar.

- Embalando o quê, patrão, se não temos os São Jorge?

- São Jorge não tem. Mas tem Napoleão, que um cliente encomendou e não veio buscar. Quando já estiver tudo empacotado, você chama o bonitão, finge que tá com pressa, mostra a ele uma dessas esculturas rapidamente e a coloca numa das caixas. Pronto! Isso aí é com você.

- Mas patrão, ele encomenda São Jorge e vai levar Napoleão?

- É a mesma coisa. Raciocine comigo: São Jorge vinha montado num cavalo branco, não vinha? Napoleão também; São Jorge era guerreiro; Napoleão também; São Jorge às vezes aparecia com a mão no estômago; Napoleão também (até porque ele tinha problemas estomacais); São Jorge usava uma capa vermelha; Napoleão também. Que diferença faz?

A encomenda foi entregue. O cliente agradeceu e ainda ficou um tempão elogiando o atendimento e a pontualidade do fabricante.

Amigo aí do Paraguai, se você é devoto de São Jorge, cuidado, pois você pode estar rezando é pra Napoleão – e o resultado pode ser desastroso.

UM JEITO GOSTOSO DE TIRAR A CARTEIRA DE HABILITAÇÃO

A Fafá não sabia mais o que fazer para tirar a sua carteira. Já tinha apelado para tudo: aulas, rezas, sessões de descarrego e desmanches de “trabalhos”, que alguns bruxos garantiam que haviam sido feitos para ela... Nada. Se passava em legislação, perdia em direção. Ou vice-versa.

A Fafá aprendeu a dirigir na autoescola. Ao sair de casa para o exame prático, partia confiante: “Desta vez, vai.” Contudo, quando via o carro, fazia uma oração e tomava um calmante para reforçar. Era só entrar no veículo, que o fantasma do nervosismo começava a assombrar. As pernas ficavam trêmulas; o suor escorria...

Tal nervosismo ainda aumentava, quando ela deixava o carro morrer, o que costumava acontecer até por três vezes durante cada sessão. Baliza então? ... Resultado: mais uma tentativa frustrada e o adiamento de um sonho a ser realizado.

Meses depois...

Haveria outro exame. A Fafá iria tentar pela sexta vez. Na noite anterior, estava ela com a televisão ligada baixinho, mas seu pensamento voando longe. Não saía de sua cabeça o danado do teste.

Clóvis, o marido, chegou, desligou o aparelho e falou com a Fafá: “Vamos conversar. Não pode continuar desse jeito.” Clóvis era um pequeno produtor rural, homem de espírito prático. Ao contrário de Fafá, tinha calma e domínio de situação.

- Me fale uma coisa: a hora do exame costuma ser por volta do meio-dia, não é?

- Sim. Está marcado para amanhã, ao meio-dia e quinze. (Hora em que eu fico nervosa.)

- Não. De você eu não quero saber mais nada. De você, eu já sei tudo. Eu quero entender agora é o examinador.

- Como assim?

- Logo antes do exame, ele se mostra tranquilo ou impaciente? Ele reclama de alguma coisa, por exemplo do calor? Como ele se comporta enfim?

- Não propriamente impaciente. Ele até é educado. Ele reclama demais é da fome. Fala que está ali até aquela hora sem comer, e que não sabe quando poderá almoçar.

- Pronto – concluiu o marido. Deixa comigo. É só você seguir os meus passos, que desta vez vai. Sem problema.

O casal ensaiou tudo, como se fosse num teatro.

No dia seguinte, na hora marcada, chega a mulher sozinha, cumprimenta o examinador (o mesmo de sempre) e adentra o veículo, para mais uma jornada.

Um minutinho depois, entra em cena o marido. Só que ele não vem com as mãos vazias. Ao contrário, chega portando algo tentador. Com ares de quem está com pressa, ele fala com a esposa:

- Fafá, a Mariana mandou te entregar a encomenda. Vê se é isso mesmo que você pediu (entregando-lhe uma bandeja e levantando o pano que a cobria).

Era um frango assado, recheado, com farofa, que só as mãos mágicas de Mariana sabiam fazer. (Olharam disfarçadamente para o examinador e viram que a respiração dele mudara, e ele murmurou: "Uhm!", passando a língua nos lábios.) E a Fafá:

(Devolvendo ao marido) - Mas eu não posso receber isso aqui agora, Clóvis. Não tá vendo que eu tô ocupada, que eu vou iniciar agora o meu exame?

- Ah, e você acha que eu vou lá na Mariana devolver isto pra ela? Esqueceu que eu tô saindo pra viagem?

(O examinador já estava no extremo grau de ansiedade, na maior torcida do mundo, para que o cobiçado petisco ficasse por ali mesmo. Tava igual cachorro. Faltava só avançar na bandeja. Comendo com os olhos, ele já estava, havia muito tempo.)

A Fafá tenta argumentar, todavia, sai o Clóvis bruscamente, sem ouvi-la e aceitar de volta aquela sedução... A Fafá se mostra um tanto desconcertada com a atitude do marido, pede desculpas ao examinador, contudo, em seguida sugere:

- Você fica até uma hora desta sem comer, você aceita um pedaço?

E ele, dominado por aquele sonho inebriante vagando pelo ar, não perde a ocasião:

- Ah... Se não for muito incômodo, eu vou aceitar um pedacinho, porque eu tô com uma fome desgraçada, e isto aí tá com um cheiro de tentação. Nunca vi um frango tão bem feito.

O examinador comprou um vinho, escolheu um lugar mais estratégico, estacionou o carro atrás de um caminhão, para dificultar serem vistos. Comeram como reis...

Ainda saboreando os últimos pedacinhos daquela luxuriosa gula, a Fafazinha, dando uma de inocente, questiona:

- E o exame, hein? Acabô a gente não fazendo...

- Que é isto!? Hoje foi o seu melhor dia. Você foi ótima. Está aprovada com louvor.

JOHNNY, O AMIGO DO URUBU

Johnny era um jovem como tantos outros. Tinha amigos, conversava, estudava. O dinheiro que ganhava consertando bicicletas não era tanto, mas dava para comprar uma roupa, um tênis, ou um ingresso para ir ao futebol.

Johnny manifestava seu sonho: "Voar, voar, voar... voassonhar... sonhavoar... Voar, até não mais voltar... Eu queria ser como os pássaros, que peregrinam pelo céu." Era assim que ele falava. (Estaria decepcionado com a Terra?)

Um dia, Johnny tomou coragem e conversou com seu pai:

- Pai, eu não tenho dado tanto trabalho como antigamente; tenho tirado boas notas na escola; na medida do possível, estou trabalhando; não ando mais com más companhias...

Foi interrompido por uma boa gargalhada. O filho não entendeu o que aquilo significava. Contudo, notou que seu pai acolhia esse papo com alguma simpatia.

(Rindo) - E então, filho, o que significa todo esse discurso? O que você quer de mim?

O jovem ficou mais à vontade para falar de sua fantasia:

- Pai, como você sabe, daqui a dois meses, faço dezessete anos. Será que você não podia me dar, como presente de aniversário, uma asa-delta? Há muito, estou tentando juntar o dinheiro, mas não consigo.

O pai ficou pensativo... Depois se manifestou:

- Filho, eu nunca fui inclinado a desafiar o espaço. Nunca pretendi nem ao menos viajar de avião. Mas se você demonstra valentia, não cabe a mim obstar esses seus ímpetos voadores. O segundo ponto é ver quanto custa esse seu entretenimento, e se terei condições de atendê-lo. Olha, fica entendido assim: por ora, não estou prometendo nada.

Johnny cultivou alguma esperança, no entanto, optou por continuar com os pés no chão.

Tarde cálida, mês de outubro, cigarras cantando. Johnny saiu ao léu. De repente, algo numa moita lhe chamou a atenção. Havia encontrado ali um filhote de urubu – branquinho! ... Ah, você sabe que essa ave nasce branca, não é? Em suas penas há pigmentos, como a melanina. Só depois que sai do ovo e começa a receber os raios de sol é que esses pigmentos se ativam e o pássaro vai-se tornando negro.

Johnny levou entusiasmado o amiguinho para casa. E foi tratando dele. Essa exótica criatura foi crescendo, foi-se desenvolvendo, e, ainda timidamente, já ensaiava os primeiros voos.

Aniversário de Johnny! Será que vai haver alguma surpresa? Oba!!! Que legal!!! Olha o que o pai dele vem trazendo! A tão sonhada asa-delta. Entrega-lhe o belíssimo presente. Johnny até chora. O pai:

- Repito, filho: muito cuidado com os ares! Eu não teria essa coragem.

- Pai, o perigo está no ar, na terra ou no mar. E até dentro de nós.

- Nisso você tem razão.

(Escondido do pai, Johnny já havia aprendido a lidar com aquele engenho. Um primo dele tinha um e ensinara-lhe a manejá-lo.) Radiante de emoção, procurou o lugar mais adequado e levantou seu primeiro voo. Alguém gritou: “Olhem mais um espetáculo: o urubu lá vai voando com ele!” Aliás, daí em diante, o amigo pássaro passou a ser seu instrutor. Johnny reparava atentamente nas manobras que o companheiro fazia, tentando imitá-lo.

A notícia correu a cidade. Todas as tardes, Johnny se alçava aos ares, e o amigo inseparável viajava ao lado dele.

Johnny anunciou que, no mais belo pôr do sol, ele realizaria seu mais belo voo.

O dia chegou. Jovens e crianças lotaram o local. Johnny voou. O urubu às vezes até pousava na cabeça dele. Voaram..., voaram alto..., voaram longe..., até que o manto da noite os fez desaparecer.

Ninguém mais deu notícia nem de Johnny nem do amigo urubu. Porém uma pura menina, que vivia a contemplar as maravilhas celestiais, afirmava, sem hesitar, que naquela noite, duas novas estrelas, límpidas como cristais, surgiram lá no céu, cintilando para sempre.

UM GRANDIOSO FAVOR, UMA CARIDADE

Quem passasse em frente àquele prédio via, na janela de um apartamento do terceiro andar, uma placa, onde se lia: ALUGA-SE. E o telefone. Quase ninguém sabia nada a respeito do proprietário, nem mesmo o seu verdadeiro nome. Era conhecido por Careca (era careca de fato). Boatos davam conta de que ele viajara com frequência por este Brasil. Depois, apaixonara-se por uma mineirinha, indo morar com ela na roça. Ali plantava um milhinho, criava algumas galinhas – só para se divertir, porque a renda deles vinha efetivamente de aluguéis dos apartamentos daquele prédio, que ele acabara de construir.

II

E, trilhando também esses caminhos tortuosos da vida, chega para a cidade um casal. Após uns dois anos desempregado, vivendo apenas de bicos, o honesto marido conseguiu, naquele lugar, um emprego. Ele e a esposa oraram, oraram, agradeceram a Deus. (O casal era evangélico, gente de muita fé.) Era hora então de procurar uma casa ou um apartamento para alugar. Interessaram-se bastante por aquele anunciado. Ficava perto do trabalho. Além da comodidade, economizariam com lotações.

O interessado interrompe um jogo de sinuca em um bar, para perguntar a um dos jogadores:

- De quem é aquele apartamento, você sabe? Tentei várias vezes ligar para o número que está lá, mas ninguém atende.
- Do Sargento Teixeira. Se não conseguir falar por telefone, vai ter que ir até a roça conversar pessoalmente com ele. Gente boa, pode crer.

III

Bem, agora já temos mais uma informação relativamente ao Careca: era sargento. Que mais? Foi-se descobrindo que esse incógnito viandante não parou ali só para fruir da vida sossegada do campo; nem tão-somente por ter-se apaixonado por Naná. Ainda como soldado, cumprira regularmente o seu papel. Alguma leve punição, de vez em quando, por indisciplina. Galgou logo o posto de sargento. Trabalhara em Foz do Iguaçu, depois, na fronteira do Brasil com a Venezuela, indo em seguida para o interior do Rio de Janeiro. Ali é que prorrompeu o seu inferno astral. Integrou um destacamento, o qual tinha, por escopo, combater bandidos perigosíssimos que se instalaram nas redondezas do município. O comandante da tropa, Tenente Gouveia, era rigorosíssimo com seus subordinados. Se eles iam ao encalço de um bandido e nada conseguiam, o tenente os humilhava, dava-lhes chutes às canelas, batia-lhes com cassetetes. E por que esses homens não deixavam a corporação? Porque precisavam; porque não tinham escolhas.

Um dia, o tenente ordena ao sargento Teixeira:

- Vai, leva quatro soldados com você, e enfrenta o desafio. Vai pegar este cara aqui (mostrando a fotografia) e o bando dele. Quero ver se vocês são homens de verdade.

- Sim senhor.

Foram, esforçaram-se ao máximo. Nem pistas do chefe da quadrilha. Regressaram, não tendo qualquer ato heroico a relatar. O tenente já havia se ausentado.

No outro dia, ruge o leão:

- Cambada de vagabundos! Vocês não são homens! Vocês são uns covardes! Bandido pode mais que polícia?

(Em coro.) – Não.

- Mais forte, seus anêmicos, filhos de uma puta!

- NÃÃÃOOO!!!

- Agora vão. Sabem o que eu quero para hoje? Hoje eu quero simplesmente a cabeça do Zoré (chefe do bando) numa bandeja. Se não chegarem com ela aqui para mim, eu arranco a de vocês. Vão, vão, vão! O que estão esperando?

IV

Partiram. Com dois medos. Um, de enfrentar o terrível superior e outro, de peitar um exército de homens sem lei – tudo indicava, bem mais armados que eles.

O Serviço de Inteligência mapeou o local. Optaram por ir à paisana. Caminharam até gastarem bem os calçados. Chegaram. Um terreno baldio, contudo, espaçoso, maior que um estádio de futebol, com uma casa ali pelo meio, quase toda coberta pelo mato. Seria o local? O sargento ordenou que cada soldado ficasse de prontidão em um ponto estratégico da área. E ele iria, sozinho, pela frente.

Habilmente, os jagunços – que já observavam tudo – foram permitindo que o “intrépido combatente” fosse adentrando aquela propriedade, até que se ouve uma voz cangaceira vindo de dentro da mata:

- Tu tá cercado, seu porco nojento! Ou para por aí, ou morre. E se tu for gambé, vamos te entregar ao patrão. Se a ordem

for matar, acabaremos com você, com requintes de crueldade; se for sequestrar, é cum nois mesmo também.

- Nada disto, meu mano. Sou irmão de sangue de vocês. Fala com o patrão que eu sou o Careca, amigo inseparável do Bolacha. Vamos conversar.

O jagunço aparece de corpo inteiro e ordena que ele permaneça no lugar.

- Vou falar com o "chefe dos capetas".

Após afitivo tempo, ele volta e avisa sorridente:

- O patrão disse que tu é "cosa nostra". Entra. Bem-vindo ao lar dos sem-lei, ao lar dos sem-lar. O home tá na beira da piscina, tomando um tereré. Vai, toma um com ele.

V

O patrão aparentava uns cinquenta anos (talvez menos, porque as agruras da vida correm mais que o tempo, deixando rastros por onde passam). Estava sentado em uma cadeira de rodas. O encontro foi festivo.

- Então, tu é amigo do Bolacha? Não precisa falar mais nada. Ele é aliado da gente. Nosso braço direito no Paraguai.

(Na verdade, o sargento havia prendido, uns dois anos antes, num outro canto desse enorme Brasil, esse tal de Bolacha – o qual, logo depois, conseguiu evadir-se da prisão. Foi o primeiro nome que lhe veio à cabeça, para safar-se da terribilíssima ameaça imposta por aqueles facínoras.)

- O Bolacha é sangue bom. Então ele tá no Paraguai? Por isto é que, nos últimos tempos, eu não tenho visto ele.

- E bandido pode ficar num lugar só, por toda a eternidade? Cê é do crime ou não é, seu otário? (*Risos.*)

Com algum esforço, porque mancava de uma perna, o chefe levanta-se daquela cadeira e vai mostrar a fazenda ao visitante. (Fazenda, como eles chamavam. Na verdade, não tinha animais, que não fossem cachorros truculentos; nem plantas, que não fossem a maconha e a papoula. Viam-se até helicóptero e um pequeno campo para o seu pouso.)

- Agora, aquele departamento ali eu não te mostro não. Aquele, aliás, eu não mostro pra ninguém. (O experiente militar percebeu logo que se tratava de depósito de armas.)

Sentaram-se num banco tosto. Uma "secretária" lindíssima e de biquíni veio trazer ao visitante uma desconhecida bebida. (*Sargento, bastante desconfiado.*) – O que é isto, Zoré?

- Ah, não conhece? É uma lulada.

- Lulada? Que é isto? Tem a ver com o Lula?

- (*Rindo, à exaustão.*) – Não, seu miserável. É uma bebida típica da Colômbia. É feita de lulo, uma fruta da Cordilheira dos Andes. (*Com riso sarcástico.*) Viu, malandro? Aqui se aprende até geografia. A gente não é tão ruim como parece não. - Tá com medo de beber?

(Apontando uma metralhadora para o meio de sua testa.) – Agora, ou você bebe, ou eu te mato.

Depõe logo essa arma, dá-lhe um abraço e segue rindo, até sair-lhe lágrima dos olhos.

- Decá. Eu bebo e a secretária traz outro pra você. (Tomou dele o copo bruscamente e bebeu. A secretária trouxe outro.)

- Que delícia! – exclamou o visitante. Como conheceu isto?

- Ah, eu vivi um tempo em Cali e Medellín. (Rindo.) Lá também tem muita gente boa, você precisava conhecer.

VI

Madrugada veio chegando, e os valentes foram vencidos pelo sono. O sargento, mesmo carregado de desconfianças, pernoitou por ali.

VII

Manhã seguinte, beira da piscina, o sargento e o chefe do crime, tomando um uísque escocês legítimo (do Paraguai).

- Careca, agora vamos conversar sério. Eu não sou otário não. Nós também temos o nosso serviço de inteligência, e que não dorme um minuto. Ficou comprovada a minha suspeita. Cê é cana, meu. Cê é porco fardado. Se também é do crime, eu não sei. Tem uns que são.

- Eu? Você tem coragem de falar uma coisa destas?

- Oh! Fique tranquilo! Eu conheço gente do seu batalhão. Sou muito amigo do Amintas. (Ouvindo isso, o sargento desmaiou por dentro, mas resistiu.) Eu não sou tão truculento assim também não. Já fui. A última vez, foi quando houve uma terrível troca de tiros entre a minha gangue e a facção rival, e eu levei um pombo sem asa aqui nesta perna. Agora, que a idade vem chegando, e não tenho a mesma destreza de um tigre moço, eu quero é sossego, é

paz, é viver aqui tomando o meu uisquezinho, ao lado dessas paixões (apontando para as meninas e chamando uma delas para o abraço). Vamos conversar.

- Falar de quê?

- De negócio, é claro. Careca, tenho uma proposta excelente pra você. Só mesmo um irmão de verdade faria isto para outro.

- Diga lá então.

- Careca, você caiu foi do céu. É a pessoa exata que me pode ajudar. Eu quero é que você acalme todo aquele batalhão, pra eles deixarem a gente na paz.

- Como assim?

- Ah, eu te dou as diretrizes.

- Tem que levar o pessoal na conversa. Em vez de sermos rivais, seremos aliados. Que tal? E vocês terão participações nos lucros da empresa. E aí?

- Mas não tem como fazer isto, ainda mais com o tenente que temos. Você não o conhece não.

- Conheço. E bem. É o tenente Gouveia. Homem metido a valente, né? Mas é a partir dali que você vai começar a puxar o fio da charada, para depois decifrá-la completamente.

- A bem da verdade, não estou entendendo nada.

- Vou ser bem claro então: você vai corromper aquele cretino. Corrompido, ele corrompe os demais. Leva uma

grana pra ele. Garanto que ele fica bonzinho. E outra pra você, é claro. A grana já está toda contada e separada pra vocês. Quer ver?

- Ah, pode deixar. Eu acho que não vai dar certo esse negócio não.

- Tem que dar. Agora sério, seu sargentinho de merda. Você sai daqui com essa missão e será monitorado. E se recusar, terá seu fim hoje mesmo, e, como manda o artigo quarto do nosso código de honra, "com requintes de crueldade". (Sai manquitolando.)

Volta Zoré com a fascinante bolada. Conta na frente do aliciado: trezentos mil dólares.

- Pega isso aí, malandro! Metade seu, metade daquele bastardo. É pegar ou largar – e arcar com as consequências.

- Negócio fechado!

- Ah, outro detalhe: se o tenentinho não aceitar, quero que me traga a cabeça dele numa bandeja. Ouviu bem, seu pirralho? Você veio até aqui, agora aguenta.

- Ouvi sim. Pode contar com o meu apoio. É um pacto. Sinto-me batizado em sua Ordem.

- Aí, mano! Boa! Boa! Falou bonito! Então vai. Olha aqui: até à rodovia, a jagunçada te fará a escolta. Depois é com você. Juízo, hein?

- Inté mais ver, e com boas notícias.

- Inté.

VIII

Logo que o sargento se viu livre na estrada, e com uma bolada daquela, a qual ele não juntaria nem trabalhando por mais cem anos, ele deu no pé. Desvencilhou-se das tiranias do jagunço-mor e do tenente. Mas estaria livre de fato? Vamos ver: da parte da Polícia, foi considerado desertor e procurado; quanto ao chefe do crime, este rangia os dentes e jurava, contra ele, a mais cruel de todas as vinganças.

Inicia-se agora uma sequência de fugas. Ainda assim, o sargento achava que esta sua vida atual era mil vezes melhor que a de antes. E estava até gostando dessa aventura. Primeiro, foi esconder-se no Mato Grosso. Desconfiando de alguma coisa, foi ocultar-se lá em Pedreiras, estado do Maranhão. Naquele rincão, teve um dia de efervescente adrenalina. Havia encontrado por lá uma Maria Bonita, no caso, a Naná, que arriscaria até a própria vida por sua causa. Arranjaram um barraco e foram morar ali, entre as palmeiras.

IX

Estando sozinha em casa, eis que alguém bate à porta, com murro tosco e valente. Ela atende, e um sujeito muito estranho vai dizendo:

- Quero falar com o Careca. Ele está?
- Que Careca? Eu não conheço nenhum por estas bandas. Quem é o senhor?
- Eu sou parente dele. Preciso dar-lhe um recado. É urgente.

- Olha, lamento, mas realmente eu não sei de quem o senhor está falando.

- Inté então.

- Inté.

A Naná comunicou o fato, o mais rápido possível, ao amante, o qual nem voltou em casa. A ordem foi abandonar o pouco que tinham ali, e foi assim que vieram parar nas Minas Gerais. Com aquele dinheirão é que ele construiu o prédio.

X

E aquele senhor, que estava querendo alugar o apartamento? De carona, foi até a roça para conhecer o Careca e ver se ele o atendia. Encontrou-o num bar, jogando uma sinuquinha. Vendo que o homem desejava falar com ele, o Careca abandonou o jogo e veio dar-lhe atenção.

- O senhor é o proprietário de um apartamento que está para alugar, na rua tal, número tal?

- Sim, sou eu. O senhor está interessado?

- Demais. Arranjei um emprego, e o apartamento fica próximo ao meu local de trabalho. Vamos ver o preço, não é?

- Ora, isto é o de menos. Primeiro, vamos tomar uma cervejinha.

- Desculpa, eu não bebo. Sou evangélico.

- Ah! Mas só um copinho não faz mal a ninguém. Só hoje. (Coloca cerveja nos dois copos. Os dois bebem.) Mas vamos nos conhecer melhor. Qual o seu nome?

- Ronaldo Teixeira.

- Oh, o meu é Reinaldo Teixeira. Já somos parecidos em alguma coisa, né? A propósito, você está com quantos anos, Ronaldo?

- Quarenta e quatro. Vou fazer quarenta e cinco daqui a dez dias.

- Ah não, quase outra coincidência: fiz quarenta e cinco, semana passada. E tem mais uma, em que não somos só parecidos. Somos iguais.

- Em quê?

- (Passando a mão na cabeça.) Na careca (dando um abraço no amigo).

- Ah, queria te dizer, que na minha terra eu também tinha apelido de Careca. (Os dois riem e riem. O sargento faz questão de pagar a conta.)

Segue o interessado:

- Agora vamos ao que importa. Quanto é o aluguel? Ah, e se o senhor pudesse me fazer um grande favor, eu ficaria bastante agradecido.

- Qual é?

- Que eu pagasse no fim do mês, porque ainda não recebi o meu primeiro salário.

O sargento, com um semblante de serenidade e bonança, decide:

- Olha aqui, meu amigo, é a primeira vez que nos falamos, mas vejo que o senhor é gente boa. E é disto que estamos precisando no nosso prédio. (Aliás, você vai adorar os vizinhos. Prestativos!...) E você está vindo para a cidade agora, nem começou a receber ainda, eu vou fazer uma coisa pra você, de irmão para irmão: os três primeiros meses você não paga. Correm por conta da casa. Depois, combinamos uma mixariazinha. Afinal, eu já tenho o meu rendimento, não é? Não custa nada dividir. Vou pegar a chave para você ali no carro.

(O pretendente até chora de agradecimento.)

Volta o proprietário, entregando-lhe a chave.

- Olha, e uma observação muito importante: chegando lá, a primeira coisa que você vai fazer é retirar aquela placa de "Aluga-se", tá? Se não, os outros continuarão batendo lá ou ligando para mim a respeito do aluguel.

- Pode deixar. Eu tiro sim.

- Não se esqueça, tá? Lembre-se de que isso é de suma importância.

- Tá certo. Vou tirar.

XI

Chegou em casa, contou para a mulher sobre a bondade desse homem que encontrou e do grandioso favor que ele lhes fez. Ela foi mais além:

- Isto não é somente um grandioso favor. É uma caridade. Trouxeram a mudança e começaram a viver, em clima de uma segunda lua de mel.

XII

Até que, no décimo primeiro dia, a contar do momento em que se instalaram ali, faltando treze para a meia-noite, alguém bate à porta.

- Quem será? Será que convém abrir? – pergunta a esposa.

- Vai, abre, vamos ver o quê que é. Às vezes, é um vizinho passando mal.

- Abriu, eram dois moços com ares um tanto assustadores, perguntando se era ali mesmo que morava o Careca.

- Sim, mas, numa hora desta, o que vocês querem com ele?

- Desculpe, senhora, é que houve um acidente ali embaixo e esperamos que ele possa nos ajudar.

Chega o benigno senhor e, à queima-roupa, é liquidado com diversos tiros.

A mulher cai em pranto desesperado. Grita, perde logo as forças e vai rolando escada abaixo.

Os carrascos fotografam tudo, desde a fachada do prédio, até o corpo do executado, procurando realçar, dentro do possível, a careca.

Voltaram para aquele inferno do crime e cantando vitória:

(Entregando o celular.) – Missão cumprida, nosso honrado patrão. Como você ordenou, eliminamos o pior dos seus inimigos.

O facínora Zoré olhou atentamente as imagens, curtindo o maior gozo de sua vida.

- Vitória! Vitória! Eu não nasci para perder. Comigo é assim: muntô no porco, tem que ser eliminado. Parabéns, pelo ótimo trabalho! Até que enfim, pegamos o fugitivo. Ele queria ganhar dinheiro fácil...

- Ganhou foi um monte de balas.

- Bravo! Gosto de gente é assim. Descobriram o buraco da cobra. Vocês merecem até uma promoção. Vamos festejar a noite inteira. Considero ser este o dia mais feliz da minha vida.

Enquanto isto, o Careca número 1, o sargento, bem vivinho, também festejava com a Naná, a Maria Bonita, sua companheira de todas as horas. Agora, não teria mais motivos para ser perseguido.

E talvez o executado, aquele homem de fé, aquele casto senhor, tenha tido a sina, seguindo o exemplo de Cristo, de dar seu sangue para salvar um pecador.

BATE, BATE, CORAÇÃO DEVAGARINHO...

Todos os atos que praticamos reverberam pelo Universo. Podemos não saber é onde nem quando a sua influência será mais intensamente notada. Da mesma forma, um ato, um fato, ocorrido na estrela mais distante, também nos afeta. Alguém plantando, outro colhendo, um menino rindo, um avaro xingando; um fogo que arde, uma enchente que vem, uma pedra que cai, uma brisa que sorri, um meteoro que passa... Influenciamos tudo; e somos influenciados por tudo. Porque o Universo é o *uno*, sobre o qual todas as coisas se *vertem*. Vejamos esta história.

Numa modesta casa, viviam Pedrinho: um menino de oito anos; seu pai: operário; sua mãe: dona de casa; e sua avó: aposentada, que adorava entoar canções. Aqueles cantos penetravam o ouvido de Pedrinho, ainda que a maioria deles lhe parecesse cafona, totalmente fora do seu tempo e do seu mundo. Outros, ele até ouvia com encanto. Tudo, enfim, ficava ali, armazenado no seu subconsciente.

Algum tempo se passou. Pedrinho agora já estava com dezessete anos. Como a maioria dos adolescentes, estudava, e era bastante interessado por celular e computador, tendo uma porção de amigos, dentro e fora das mídias sociais.

Foi aí que ele viu, numa dessas redes, o apelo de Leonardo (Leo), suplicante pela letra de uma canção - na verdade, um chorinho. Pedrinho logo se lembrou de que era uma das músicas que sua avó mais cantava. Por isso, ele a sabia de cor.

Pedrinho olhou a data da postagem. Era de dois anos atrás. Resolveu entrar em contato com o internauta, perguntando se ele já havia conseguido o que buscava.

- Ainda não – respondeu o rapaz.

- E você já pesquisou no Google?

- Sim, mas não encontro de jeito nenhum. Na verdade, não é propriamente para mim. É para a mamãe. Ela é tão fascinada por essa música, que chega a afirmar que não pode morrer, sem antes encontrá-la. A melodia, ela tem no ouvido, e até sabe um ou outro verso. Essa música significa muito para ela. (Recordações de algum amor que se foi? ... Inútil perguntar. Isso ela não vai revelar a ninguém.)

Música enviada. A cidade do destinatário ficava a uns 800 km dali. Pedrinho só não podia informar o autor nem o intérprete. Só ouvia a vovó cantando. A letra era assim:

“Bate, bate, coração devagarinho/ Meu benzinho foi embora e me deixou/ Bate, bate de mansinho/ Ele roubou o meu carinho/ E depois me abandonou// O meu benzinho/ Depois de tanto carinho/ Procurou um outro ninho/ Sem dizer qual é a razão/ Eu vou pedir a Deus do Céu pra botar nele/ Em lugar daquele peito/ Um enorme coração/ Eu vou pedir a Deus do Céu pra botar nele/ Em lugar daquele peito/ Um enorme coração.”

Cantar e se acompanhar não era problema para Leo. Eles tinham em família um regional, e até se apresentavam em alguns eventos. Leo tocava violão; sua irmã, flauta; seu tio, saxofone; sua prima, acordeom, e seu sobrinho, bandolim.

Leonardo agradeceu demais, e fez uma bonita revelação:

- Essa letra não teria vindo numa hora melhor. Depois de amanhã será o aniversário da mamãe. Vamos aprender, fazer um belo arranjo e, na hora da festa, chegaremos juntos

cantando e tocando para ela. Em seguida, lhe entregaremos a tão sonhada letra, numa embalagem toda especial, que minha irmã, carinhosamente, preparou. Será um momento de grande emoção! ...

- Ah, por favor, aproveite e transmita a ela, os meus parabéns.

- Obrigado, Pedrinho! Você é sempre muito gentil.

Passados uns dez dias, Pedrinho resolveu entrar em contato com o amigo.

- E aí, Leo? Como foi a festa? Cantaram a música para a sua mãe? Ela ficou contente?

- Cantamos sim. Ela ficou contentíssima. Não cabia em si, tamanha a emoção. Só que...

- O que aconteceu?

- Dois dias depois..., ali pelas sete e meia da noite, ela foi até seu quarto, deitou-se. A janela estava aberta, inundando o ambiente com a luz da lua e das estrelas. Por alguns instantes, a modesta senhora meditou. Profundamente, meditou... Depois, começou a entoar, pausadamente, aquela significativa canção: "Bate... Bate... Coração... devagarinho... Meu benzinho..... foi embora... e me deixou....." E foi repetindo aquilo, cada vez mais suave e devagar, como se fosse uma prece. Seu coração parece ter assimilado o seu pedido... e foi batendo... cada vez mais... devagarinho....., até que aquela cismadora mulher mergulhasse no mais profundo dos sonos e dos sonhos...

DEZ MINUTOS DE AMOR

O médico ausculta o coração da paciente e - segurando ainda seu pulso - dá a inevitável notícia:

- Já perdeu quase todos os sinais vitais. A medicina cura, mas não pode fazer milagres. Dou a ela, no máximo, mais dez minutos de vida. Podem telefonar, avisar parentes e amigos; enfim, tomem as providências que julgarem necessárias, porque, de agora em diante, já não se pode fazer mais nada. (*Retiram-se todos, em prantos.*)

Já quase na porta de saída do hospital, Carlota, uma das tias da agonizante, pondera:

- A morte não assenta para certas pessoas; parece que não foi feita para elas. Você já parou para pensar nisso, Raquel?

- Exatamente. É o caso da Nádia. Não posso me conformar com ver essa linda donzela, tanto futuro pela frente... E aqueles olhos verdes, luminosos, bonitos, dentro em breve se apagando.... (*Uma lágrima escorre pela face de Raquel. Com voz trêmula, "Fatalidade!"*)

- E você disse donzela, donzela mesmo. Vinte e sete anos, e está morrendo virgem. Nunca teve um namorado. Preferia a casa, os animais, as plantas... (*Pensativa*) Como ela amava as flores!

- Ficaré o perfume daquelas que ela plantou, colheu e ofertou...

Enquanto isso, naquele quarto de hospital, a beleza de Nádia jazia fria, solitária, majestosa. Corpo livre. "Morrer representa o auge da liberdade; é o momento mais nobre

que possa ocorrer na vida de um ser humano.” É o que pronunciava Carlota, quando queria consolar alguém que tivesse perdido algum ente querido.

II

Do nada, entra no Quarto um estranho. Ninguém o havia visto antes, entretanto, ele ouvira atento a tudo o que o médico relatara - e até mesmo se perturbara um pouco com a situação. Eis o que ele disse para si mesmo: “Não! Não pode ser assim. Todos evadiram, desprezando essa linda mulher nos seus instantes finais. Desumanidade! Eu ficarei com ela. Não a abandonarei.”

O estranho pôs a mão na testa da agonizante. Estava fria, porém, não gélida. Tomou-lhe as mãos, idem. Afastou-se cerca de um metro. Foi aí que ele reparou bem naquele corpo, aquelas pernas morenas, um pouco grossas... Uma miss (na concepção dele). Num ímpeto, passou as mãos nas pernas dela. (Sabia que ela não iria reagir.) Foi levantando mais o seu vestido... Aí não se conteve. Num salto, já estava despido e na cama com ela. “Oh, e tenho de ser ágil. Daqui a pouco, essa maravilha estará sob a terra. Que mundo! (E eu iria me arrepender demais, caso não aproveitasse este mágico momento.) De mais a mais, filho não geraremos, e sobre mim não recairá qualquer culpa, pois ela não será capaz de contar para ninguém.”

Durante o ato sexual, teve dúvidas, se estava fazendo amor com uma pessoa viva, ou já falecida. De qualquer modo, por paixão, por amor, por apego ou por demência, o aventureiro não queria abandoná-la. (Ouvem-se passos no corredor.)

III

Eram o médico e dois funcionários do hospital, os quais vinham buscar o corpo, para conduzi-lo ao necrotério. O estranho sumiu como um raio! Ninguém viu nada do que ele fizera.

Daí em diante, esse incógnito teve ímpetos de fugir, de não ser visto por ninguém, de retornar ao porto seguro: sua terra, a qual ficava a uns cento e cinquenta quilômetros dali. Correu até a estrada; pediu carona; complementou com outras. Faltava pouco para chegar. Para disfarçar, comprou de um camelô de beira de estrada uma calça, uma camisa e um chapéu. Entrou vulgar pela mata, saiu de lá um cavalheiro. Ainda assim, não fugiam de sua cabeça aquele gozo, este temor. Temia ser alcançado pela polícia. (Em que pesasse, não se arrependia.)

IV

Ao chegar em casa, tomou um copo d'água, deitou-se num banco tosco de um caramanchão e, como num filme, cena por cena daquele marcante acontecimento foram-se reexibindo em sua mente. "Nossa! Fui corajoso demais! (Ou nada aconteceu, eu estava era sonhando?) Fui doido. Maluco. Foi a maior aventura da minha vida. Acho que nem haverá outra maior. Contudo, valeu a pena. Teria me arrependido é se eu não o fizesse, não aproveitasse aquelas pernas lindas, aqueles lábios carnudos, que eu tanto beijei... Vi certa vez num filme um cara que fez amor com uma morta. Explicaram que isto se chama necrofilia. Trata-se de um desvio mental, psicológico, através do qual a pessoa sente uma estranha excitação por pessoas já falecidas. É, mas parece que não foi o meu caso. Ela ainda estava viva. Faltavam dez minutos para não estar mais. Com uma morta

mesmo, acho que nada faria; ficaria com medo; não teria coragem. (Ah, mas com essa, sim. Estou em dúvida; agora não sei. E se ela viesse na madrugada me buscar!?!... Cruzes! Nem pensar!)”

O moço não se assossegava. Decidiu então: foi ao cemitério de sua cidade. Tentou catarsizar aqueles necrófilos pensamentos. Sentou-se numa lápide qualquer... Após alguns instantes de meditação, ajoelhou-se, cerrou os olhos, rezou muito pela alma daquela amada falecida. Pediu-lhe perdão, caso houvesse violado a sua dignidade. “Mas creia, querida: fiz tudo por amor. Por impulso também, é claro. Não só eu. O ser humano é movido por impulsos, por paixões. Um ímpeto pode gerar um hediondo crime; contudo, pode salvar vidas, ou até mesmo transformar o mundo.” Era domingo.

V

No outro dia, o estranho já partira para uma vida normal. O trabalho é a melhor catarse.

VI

Naquela hora, quando o médico e os funcionários foram buscar o corpo da falecida, surge repentinamente a Dra. Joyce Hartmann, a qual se apresenta como médica e prima da paciente. Pede para dar uma última olhada, antes da condução daquela matéria ao necrotério. Examina tudo, com extremo cuidado, depois anuncia:

- Gente, com todo o respeito à equipe médica deste hospital, atesto que a paciente ainda não foi a óbito. Detectei nela ainda leves sinais de vida. O quadro é realmente dramático, porém, não acredito no impossível. Quem sabe possamos

reverter? A partir de agora, ela estará sob a minha responsabilidade.

Transferiu-a para um hospital de uma cidade próxima, o qual dispunha de maiores recursos. A generosa senhora não se afastou da paciente. Cuidados, observações, exames, medicamentos, todo um complexo salvatório enfim.

Com tamanha dedicação, três dias depois, a paciente começou a apresentar, mais pulsantes, os sinais de vida. No quarto dia, já começara a se alimentar. Contrariando as previsões médicas, a moça ficou apenas catorze dias internada. Após esse tempo, voltou para casa, retomando, progressivamente, a sua vida normal.

VII

Dentro de algumas semanas, Nádia comentou sobre alguns enjoos que estava sentindo. Todos na sala concordaram: sequelas ainda da doença. “Ela tomou remédios muito fortes, que atacam demais o fígado.” – concluiu Anastácia, sua mãe.

Chegou-se a um ponto em que ninguém mais duvidava: “Nádia está grávida.” “Sim, mas grávida como? De quem? Nádia não saía de casa; nunca tivera um namorado; parecia nem ao menos acreditar no amor. Ninguém, absolutamente ninguém, poderia entender o ocorrido. Seria normal suspeitar de alguém. Mas de quem? Do Valdez, um primo dela, que ia muito visitá-la? Porém, ele é homossexual assumido. Então...”

As suspeitas começaram a recair sobre o próprio pai ou irmão de Nádia. Anastácia perdeu a graça com o marido. Falou para duas vizinhas: “Sempre combinamos demais. Entretanto, se provado um ato desse por parte dele, deixo-o,

imediatamente, para nunca mais voltar. Seria atitude de um monstro: abusar da própria filha. - E se fosse o Alberto, irmão dela? Rapaz tão bom, religioso... Todavia, as aparências podem enganar.”

Em suma: na casa, a confusão estava formada. O marido, bastante mal-humorado, decidiu oferecer-se para fazer DNA; o Alberto também. Fizeram. Nada. Absolutamente nada. Nem um nem outro era pai. Pelo menos assim, Anastácia pôde continuar confiando no esposo e filho.

Uma vizinha, profundamente religiosa, quando soube do ocorrido, chegou à casa deles, radiante de júbilo, apresentando a sua versão:

- Gente, foi o que aconteceu com a Virgem Maria. Dela nasceu um Salvador, não havendo ato sexual. O menino tem a sina de quem vem para nos salvar. Que bom! Ele vem em boa hora. O mundo está pervertido. O pequeno vai se chamar Jesus.

A profecia correu toda a cidade. E em cada dez pessoas que ouviam, nove acreditavam - inclusive a própria Nádia -, a melhor pessoa para assegurar que não havia tido contato sexual com nenhum homem. A partir daí, ela se sentiu a mulher mais importante dentre as viventes. Todavia, recebeu aquilo com extraordinária responsabilidade.

- Chamar-se Jesus, acho melhor que não. Jesus mesmo, só existe um - interferiu Nádia. (Após alguns momentos de reflexão) – Até que Nazareno poderia ser.

Todos concordaram. Depois, a própria Nádia mudou de ideia. Receava estar profanando o nome do Senhor.

E a expectativa do nascimento era o que mais ocupava o noticiário.

VIII

Enfim, nasceu. Foi batizado com o nome de Lucas. Até padres iam lá visitá-lo, influenciados pelo fato de estar nascendo ali um novo Salvador.

IX

O tempo passou, Lucas já estava agora com nove anos e, a bem da verdade, o mistério ainda persistia. Contrariando a maioria das expectativas, Lucas era uma criança normal: brincava, estudava, fazia também alguma travessura, como a de suspender a saia de sua professora, o que lhe custara sérias repreensões. Milagres (o que era muito esperado), ele não fazia. Isto derrubava a tese de ter nascido ali um novo Redentor.

X

Numa tarde qualquer, Nádia foi com o Lucas à casa de uma amiga, numa outra cidade. Na volta, decidiram visitar uma feira de artesanatos. Um moço que passou não resistiu: fitou tanto aquela mulher, que ela se constrangeu e puxou de repente o braço do filho para irem embora. O moço tentou falar com ela. Nádia recusou.

Esse rapaz tinha uma qualidade: era um ótimo fisionomista. Acresce-se que, num ato como aquele, que exigia tanta concentração do homem – quer pelo encantamento, quer pela exiguidade de tempo – aquela fisionomia estaria fotografada ali naquela retina para sempre.

O moço continuou pensando: “o mesmo corpo, os mesmos olhos verdes, até uma pintinha no pescoço. Mas... aquela não teria morrido? Talvez fosse então irmã dela.”.

XI

Demorou três meses mais, para o estranho de novo encontrar aquela mulher, com aquele menino, naquela mesma feira. Chegou mais refinadamente, pediu licença para conversar com ela. Quando, com muito jeito, lhe perguntou se era ela, aquela mulher que se encontrara entre a vida e a morte, Nádia teve um choque! (Não conhecia o rapaz...)

- Como você sabe!?

- Ah, eu vi no noticiário. Falou-se muito naquilo, não é?

- Sim. Pelo que contam, parece que eu morri e ressuscitei.

- Ah, isto é porque você ainda tem uma importante missão a realizar aqui na Terra.

Nádia se comoveu. Viu que o rapaz era do bem. Tornaram-se amigos. Daí em diante, ficaria mais fácil entrar em detalhes sobre esse delicado assunto. E uma coisa que sobremodo intrigava esse moço era que ele via semelhança demais entre si e o menino. (Cá entre nós, Nádia também notou. “Mas como...?” – pensava ela.)

XII

Um dia, só os dois, andando por um jardim, o estranho sentiu que era hora de tudo se revelar. Contou cada coisa em detalhes. Nádia, mesmo desapontada com aquele seu ato invasor, teve a curiosidade de saber se ele era o legítimo pai

de Lucas. Novo DNA. Resultado: mistério revelado; aquele era o verdadeiro pai. De agora em diante, ele deixou de ser o estranho: "Meu nome é Pablo Henrique Martínez, neto de espanhóis. Sou pintor de paredes e artístico também." Esse artista colecionava prêmios com seus quadros. Ele ficou tão contente com a notícia da paternidade, que não cabia mais em si (ele, que também nunca na vida, havia encontrado seu verdadeiro amor).

Combinaram que, no próximo encontro, Lucas também deveria presenciar as novas conversas.

XIII

Numa pracinha, próximos a uma límpida fonte, Lucas, cuidadosamente, foi informado de tudo. Em seguida, Nádia ouviu daquele homem belas palavras de amor, recebendo, ali, um pedido de casamento. Ele amava Nádia (desde aquele momento "in extremis" dela). Apaixonou-se também pelo menino. E ela também mostrava estar amando o rapaz. O que faltava então, para aceitar esse pedido de casamento? Nádia era um tanto ponderada. Seguiu caminhando pelo jardim, introspectiva, sem nada dizer. Ansioso, Pablo reagiu:

- Nádia, o que falta para você decidir? Sou um homem trabalhador, e quero demais, com você e nosso filho, construir o nosso lar.

- Creio que sim, mas a minha dúvida é que não sei se conseguiria perdoar aquele ato abusivo seu. Ainda mais, na situação em que eu me encontrava.

Nisto, Lucas abraça as pernas dos dois e suplica:

- Mãe, eu queria ter um pai. Só eu é que não levo o meu, quando tem reuniões lá na escola. E este é meu pai; e ele é bom; e nós três nos amamos. Vamos, mãe, iniciar uma nova vida! Perdoa meu pai, por favor!

Nádia sorriu e perdoou.

Epílogo

Prometi-lhe, nas minhas REVELAÇÕES, que se você lesse, até o final, este livro, eu lhe evidenciaria aquelas palavras mágicas, usadas para abrir "A Casa das Sete Portas."

Segue então a lista das mais miraculosas dentre elas:

Com licença, desculpe, por favor, obrigado. Ensinou-me um peregrino que a expressão "**por favor**" fica mais eficiente, quando proferida no início, e não, no fim da frase. Isto porque, num primeiro contato, você já demonstra sua educação e respeito pelo seu interlocutor, ficando ele mais disposto a atender.

E, quando a situação exigir a palavra "**desculpe**", esta pode ser ainda potencializada, caso transformada em "**perdão**". É nobre pedir e também perdoar.

A expressão "**Eu te amo**" é poderosíssima. Justamente por isso, ela não deve ser vulgarizada, nem usada para enganar alguém, a fim de receber em troca o seu amor ou bens materiais. Todavia, sempre que ela nascer do seu mais puro sentimento, use-a em profusão, não apenas para pessoas. Derrame-a sobre os animais, as plantas, os rios, o sol, a lua, as estrelas... e até mesmo sobre o seu time do coração.

E lembre-se: o mundo é um espelho. Aquilo que nele lançamos reflete o que somos, e aquilo volta para nós. Citadas palavras, quando bem empregadas, têm o condão mágico de abrir qualquer porta... Até mesmo as do Céu.

F i m

VELHO CADERNO, NUMA CASA MAL ASSOMBADA

Sérgio Souza

©Copyright – 2023

Ibirité – MG

Editoração:



1ª edição

ESTE E-BOOK É UM OFERECIMENTO DE

CURSOS & SERVIÇOS		CURSOS DE REDAÇÃO
	<ul style="list-style-type: none">- PORTUGUÊS PARA CONCURSOS- REDAÇÃO- TRADUÇÕES (VÁRIOS IDIOMAS)- MONTAGEM DE TCCs (ABNT)	<ul style="list-style-type: none">- Literária- ENEM- Concursos Públicos <p><small>* Sua redação é corrigida, comentada e devolvida pelo professor.</small></p>

TAMBÉM VIA INTERNET - E-MAIL: sergioadastra@gmail.com - Cel. e Zap: (31) 9-9534-4816

Visite a página de Sérgio Souza em Via Fanzine e baixe gratuitamente seus três livros disponíveis: https://www.viafanzine.jor.br/sergio_souza.htm

Leia entrevista exclusiva com Sérgio Souza: https://www.viafanzine.jor.br/sergio_souza.htm



**VELHO CADERNO, NUMA CASA MAL ASSOMBADA,
é uma coletânea de contos e crônicas de autoria do
professor e escritor mineiro Sérgio Souza.
Parte deste trabalho foi publicada nos últimos anos
pelo jornal digital VIA FANZINE, do qual o autor é
colaborador.**

